



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

**CÉLIA MEDEIROS DANTAS**

**DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: SISTEMA DE  
INFORMAÇÃO PARA O ARQUIVO DO NÚCLÉO DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA - NAC**

**JOÃO PESSOA – PB  
2011**

**CÉLIA MEDEIROS DANTAS**

**DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: SISTEMA DE  
INFORMAÇÃO PARA O ARQUIVO DO NÚCLÉO DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA - NAC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do grau de Bacharela, semestre 2011.2.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Manuela Eugênio Maia

JOÃO PESSOA – PB  
2011

D192d

Dantas, Célia Medeiros.

Do tradicional ao contemporâneo: sistema de informação para o Arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea- NAC / Célia Medeiros Dantas. – 2011.

70f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, 2011.

“Orientação: Profª. Ms. Manuela Eugênio Maia, Curso de Arquivologia”.

1. Sistema de informação. 2. Arquivologia. 3. Núcleo de Arte Contemporânea. I. Título.

21. ed. CDD 025.04


**CÉLIA MEDEIROS DANTAS**


**DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: SISTEMA DE  
INFORMAÇÃO PARA O ARQUIVO DO NÚCLÉO DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA- NAC**


Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Arquivologia, do Centro de Ciências  
Biológicas e Sociais Aplicadas da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências parciais para  
obtenção do grau de Bacharela, semestre  
2011.2.

Aprovada em 17 de novembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profª Ms. Manuela Eugênio Maia / UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª Ms. Marta Penner / UFPB  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª. Jacqueline Echeverría Barrancos/UEPB  
Examinadora

Ao meu pai, Heronides Adonias, in memoriam, e a minha  
mãe, Maria do Céu, pelo dom da vida, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, Maria do Céu, que conseguiu sustentar seus quatro filhos com muita dignidade e que, apesar das dificuldades ao longo das nossas vidas, sempre primou pela nossa educação nos conduzindo ao crescimento profissional e pessoal nos fazendo homens e mulheres de bem. E ao meu pai Heronides Adonias, in memoriam, obrigada pela vida.

Aos meus irmãos, José Paulo, meu amigo e companheiro de muitas traquinagens e confidências, Jackeline, meu exemplo de disciplina e de respeito e Heronides, meu exemplo de homem e que apesar da distância, o considero com um segundo pai.

Não poderia esquecer, também, dos meus cunhados, Heverton Oliveira e Kelly Fernandes, por me ajudarem nas minhas decisões. Obrigada pela confiança, por mais que tenha fraquejado algumas vezes no sentido de não acreditar na minha capacidade.

Aos meus padrinhos, tia Maria e tio Ubirajara pelo carinho, me tratando como uma filha, incentivando aos estudos e demonstrando o real significado da humildade.

Agradeço a minha família em geral (tios, primos), pois foram eles que me mostraram o verdadeiro significado desta palavra e que sem eles não teria chegado tão longe. Vocês são meu exemplo de luta e garra.

À Andressa Ferreira Lima e Angélica Barreto Ferreira que me ajudaram nesta jornada de quatro anos no Curso de Arquivologia e a quem devo agradecer pela minha evolução e pelos belos momentos de alegria, aventura e pela calma que me deram nos momentos de desespero. Sentirei muita falta das nossas fofocas.

A UEPB por ter me proporcionado um ensino público de qualidade em especial aos professores da UEPB, Washington, Eutrópio, Mara, Esmeralda, Ilca, Germano, Francinete, Eliete, Acácia, Vancarder, Thiago, Jaqueline, Jimmy, Henrique e Briggida por terem sido uma das minhas fontes de inspiração para o que desejo traçar pro meu futuro. Obrigada aos conselhos, as conversas informais, a provocação da curiosidade, de sempre buscar o aperfeiçoamento das técnicas arquivísticas além das visitas realizadas nos arquivos tanto de instituições privadas, bem como públicas. Vocês foram fundamentais para este caminho.

Aos alunos da turma 2008.1. em especial a Natan Dias, Leandro Ferreira, Juliene, Nathália, Philipe, Daniele, Luiz Paulo e os demais alunos. Sentirei muitas

saudades das nossas bagunças nos corredores da Universidade. Espero carregar a nossa amizade pro resto da vida. Sem dúvidas, vocês serão grandes profissionais da informação.

A Marta Penner, vice coordenadora do NAC, e aos colaboradores do Núcleo por facilitarem as minhas pesquisas feitas no NAC e pela simplicidade com que tem desempenhado suas funções. Além disso, obrigada por acreditar nos nossos trabalhos arquivísticos durante o Projeto de Extensão.

A Aristófanês da Silva Sobreira, meu namorado, por conseguir me agüentar durante estes quatro anos de realização acadêmica. Muito obrigada por me ajudar. Você é meu porto seguro.

Aos colaboradores do escritório Guedes Pereira & Duarte Advogados Associados por me permitir tantas vezes me ausentar para fazer as pesquisas in loco. Além disso, pela oportunidade concedida para o meu aprimoramento não apenas profissional, mas pessoal.

E por fim, a minha orientadora a professora Manuela Eugênio Maia a quem me espelho e tenho uma profunda admiração profissional e pessoal. Sentirei saudades das nossas conversas Manu. Obrigada por tudo.

Se não perseguires o que queres, nunca o terás. Se não perguntares, a resposta será sempre não. Se não deres um passo em frente, sempre estarás no mesmo lugar  
(Nora Roberts)



## RESUMO

As tecnologias têm-se tornado corriqueiras não apenas no ambiente de trabalho e no meio acadêmico, mas como forma de lazer em parceria com redes sociais e sites de compra, por exemplo. Dentre as tecnologias, estão os Sistemas de Informação que visam garantir a eficiência do gerenciamento abarcando questões relevantes tais como hardware, software, redes, dados e pessoas para permitir, posteriormente, a coleta, o processamento o armazenamento de dados e a disseminação da informação. No que concerne aos sistemas de informação para a Arquivologia deve-se pensar, além destes pontos revelados anteriormente, apontamentos que proporcione a melhor recuperação e representação da informação para que se adeque a necessidade do usuário tendo como base algumas normas e modelos Arquivísticos tais como NOBRADE, ISAD (G), ISAAR (CPF) e o E-ARQ Brasil. Desta forma, este trabalho visa elaborar um protótipo de sistema informacional para a documentação permanente do Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba (NAC) abarcando os campos obrigatórios previstos na NOBRADE. Tal Núcleo surgiu em 1978 como um projeto pertencente à Universidade Federal da Paraíba. Contudo, o NAC apenas se efetivou em 1980 por meio da Resolução da CONSEPE no mesmo ano. O Núcleo atua no que condiz com a exposição de atividades acadêmicas que envolve arte, em especial Arte Contemporânea não apenas regionalmente ou nacionalmente falando, mas internacionalmente também. Assim, este trabalho utilizou uma classificação empírica, visto que proporciona uma análise da realidade do NAC. A coleta de dados foi adquirida a partir de entrevistas, observações, diário de campo, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Este trabalho conclui-se que o protótipo sugerido segue as normas arquivísticas, como é o caso da NOBRADE, e que para sua excelência será necessário aplicar outros elementos, como é o caso da Gestão Documental. Portanto, o Sistema de Informação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba (SINAC) é uma proposta e que, se bem efetivada, garante a preservação documental original sem impedir o acesso às informações nele contidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sistema de Informação. Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba. Tecnologias. Arquivologia.

## **A B S T R A C T**

The technologies have become commonplace not only in the workplace and university, but as a pastime in partnership with social networking and shopping sites, for example. Among the technologies, systems are designed to ensure the efficiency of a given task for a specific purpose. Therefore, it is necessary that the system, and here we speak specifically of information systems, cover relevant issues such as hardware, software, networks, data and people to enable later, the collection, processing and storage of data. With regard to information systems for Archivology should be considered in addition to these points revealed earlier, notes that gives the best recovery and representation of information that fits the user's needs based on some standards and models such as archival NOBRADE, ISAD (G), ISAAR (CPF) and E-ARQ Brazil. Thus, this work aims to develop a prototype information system for permanent documentation of the Center for Contemporary Art of the State of Paraíba (NAC) covering the fields contained in NOBRADE. This Center was founded in 1978 as a project belonging to the Federal University of Paraíba. However, NAC was effective only in 1980 through Resolution CONSEPE of the same year. The Center works in the exhibition which agrees with the academic activities involving art, particularly contemporary art not only talking about regionally or nationally, but internationally as well. Thus, this study used an empirical classification, as it provides an analysis of the reality of the NAC. Data collection was acquired from interviews, observations, field diary, archival research and bibliographical research. The paper concludes that the proposed prototype follows the archival standards, as is the case of NOBRADE, and that for its excellence will be necessary to apply other elements, such as Document Management. Therefore, the Information System of the Center for Contemporary Art in Paraíba (SINAC) is a proposal which, although effective, ensures the preservation of the original document without impeding access to the information contained it.

**KEYWORDS:** Information System. Center for Contemporary Art in Paraíba. Technologies. Archivology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> – Fachada do edifício do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba .....	26
<b>FIGURA 2</b> – Diagnóstico realizado no arquivo do NAC durante o projeto de extensão .....	55
<b>FIGURA 3</b> – Documentos em caixas de papelão e amarrados encontrados no arquivo do NAC .....	56
<b>FIGURA 4</b> – Organização do arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba .....	57
<b>FIGURA 5</b> – Introdução do SINAC .....	58
<b>FIGURA 6</b> – Breve histórico do NAC .....	59
<b>FIGURA 7</b> – Campos de busca .....	60
<b>FIGURA 8</b> – Relação de documentos pesquisados .....	60
<b>FIGURA 9</b> – Documento digitalizado .....	61

## LISTA DE SIGLAS

CIA	Conselho Internacional de Arquivos
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CTNDA	Câmara Técnica de Normalização de Descrição Arquivística
e-ARQ Brasil	Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos
FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
ISAAR (CPF)	Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias
ISAD (G)	Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
NAC	Núcleo de Arte Contemporânea
NDIHR	Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional
NEPHF	Núcleo de Estudos e Pesquisas Homeopáticas e Fitoterápicas
NEPREMAR	Núcleo de Estudos e Pesquisas de Recursos do Mar
NESC	Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva
NETEB.	Núcleo de Estudos e Tecnologia em Engenharia Biomédica
NEUD	Núcleo de Estudos e Ações em Urgências e Desastres
NIESN	Núcleo Intedisciplinar de Estudos em Saúde e Nutrição
NIETI	Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade
NIPAN	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero
NOBRADE	Norma Brasileira de descrição Arquivística
NTU	Núcleo de Teatro Universitário
NUDOC	Núcleo de Documentação Cinematográfica
NUMETROP	Núcleo de Medicina Tropical
NUPPA	Núcleo de Pesquisa e Processamento de Alimentos
PRAC	Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários
SI	Sistema de Informação
SINAC	Sistema de Informação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba
TTD	Tabela de Temporalidade Documental
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização para a Educação e Ciência a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	16
1.2 OBJETIVO.....	19
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	19
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	19
1.3 ESTRUTURA .....	19
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>21</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	21
2.2 PROBLEMATIZAÇÃO .....	23
2.3 UNIVERSO E AMOSTRAGEM .....	24
2.3.1 CAMPO EMPÍRICO.....	25
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
<b>3 SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA ARQUIVO: UM OLHAR ARQUIVÍSTICO</b> ...	<b>29</b>
3.1 DADO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO .....	29
3.2 SISTEMA DE INFORMAÇÃO .....	34
3.3 SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA ARQUIVO .....	38
<b>4 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO: O ONTEM E O HOJE</b> .....	<b>43</b>
<b>5 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b> .....	<b>45</b>
<b>6 HISTÓRICO DO NAC: SOBREVIVENDO NAS TRINCHEIRAS</b> .....	<b>52</b>
6.1 NAC E SEU ARQUIVO.....	54
<b>7 A PROPOSTA</b> .....	<b>58</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>64</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>68</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO JOÃO VELENTE</b> .....	<b>69</b>
<b>ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO MARTA PENNER</b> .....	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A informação, desde os primórdios da civilização, possibilitou que os povos pudessem aprimorar suas técnicas e facilitar a socialização. É evidente que a informação proporciona o ser humano a viver em sociedade, tendo em vista que tudo se faz necessário a partir da comunicação.

Com o decorrer dos anos, a informação foi adquirida para outras finalidades, seja para aperfeiçoamento de produção, como foi o caso da industrialização, seja pela hegemonia de um país, como é o caso das guerras.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o processo de criação e transmissão informacional tornou-se intenso o que necessitou um aprimoramento também sobre as técnicas de organização visto que uma estratégia mal pensada poderia provocar um novo rumo na guerra.

Após o término da guerra, as tecnologias produzidas com a finalidade propriamente das batalhas e nos armamentos bélicos perderam status. Assim, as tecnologias se adaptaram para agora o aprimoramento das pesquisas nas universidades. Como inevitável, a aplicação das tecnologias neste período foram inseridas no campo profissional permitindo a eficiência dos trabalhos desenvolvidos.

Para Castells (1999, p. 44)

As novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o escopo das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes.

Um dos produtos de maior destaque dessa tecnologia foi o computador. Com o passar do tempo, os computadores foram adquirindo outros aplicativos, tornando-se cada vez mais complexos e miniaturizados. Além disso, o uso dos computadores tornou as atividades eficientes e a produção informação, que foi acumulando o seu volume de forma descontrolada. Hoje em dia os computadores não apenas são ferramentas de trabalho como de lazer diante de tantas redes sociais e sites de pesquisa que disponibilizam exercícios para efeito de hobby.

Porém, os avanços tecnológicos não apenas facilitaram a vida do ser humano. A produção desenfreada da informação e a repetição informacional trouxeram outra preocupação: a organização e a produção de mecanismos para auxiliar na organização.

Para Le Coadic (2004, p. 5-7), o futuro informacional apresenta duas características:

1. A explosão quantitativa da informação. Fundamentando-se o progresso técnico e social no poder criativo da linguagem e do raciocínio lógico que daí resulta, pode-se compreender a importância da comunicação verbal da informação. Com o advento da escrita, a comunicação passou de oral a escrita.
2. A implosão do tempo de comunicação da informação. Não há mais distância que seja obstáculo à velocidade, nenhuma fronteira detém a informação. A velocidade dos computadores se mede em milionésimos de segundo.”

Ainda diante deste contexto Mattos (2010, p. 15) constata que

se a falta de informação era um problema, hoje ocorre o contrário; o problema é o excesso de informação. Se um dia ela foi uma mercadoria muito valorizada, hoje parece mais com as ervas daninhas no seu jardim: aparecem sem querermos, e se espalham por todo o lado.

O autor acima citado revela que atualmente a capacidade do ser humano envolve mais a questão da transmissão do que propriamente da compreensão da mesma. Talvez um destes motivos seja a grande quantidade de informação encontradas nos meios de comunicação no qual nos permite estar a par de tudo o que acontece no mundo. No entanto, para que haja uma compreensão satisfatória, é preciso que o sujeito saiba o que de fato quais informações são importantes para sua vida profissional e pessoal.

Em sintonia com os avanços tecnológicos, está a Ciência da Arquivologia que, por sua vez, utiliza computadores, scanners e demais hardwares e softwares com o intuito de produzir, armazenar, organizar, protocolar e outros exercícios arquivísticos em instituições pública e/ou privadas.

Assim, a preocupação com a informação jamais deve ser deixada de lado, principalmente, por aqueles que têm como objetivo principal preservar, organizar e disponibilizar a informação. Em corroboração com este pensamento, Silva *et al* (1998, p. 25) retrata que

adquirir, armazenar e recuperar informação são, em *stricto sensu*, as três funções fundamentais dos sistemas e serviços relacionados com o tratamento da informação, designadamente as Bibliotecas, Centros de Documentação ou Serviços de Informação e os Arquivos.

Os arquivos, como instituição, foram criados na Idade Antiga como forma probatória dos acontecimentos ocorridos. Ou seja, o surgimento dos arquivos, a princípio, voltou-se para provar direitos e deveres. Em um segundo momento de sua história, percebeu-se a necessidade de organizar e de manter vivo para a sociedade certos documentos.

Já os atenienses guardaram no templo seus documentos de valor. Embora não sejam atualmente guardados em arquivos, a sua preservação inicial ocorreu em tais instituições. O desenvolvimento atingido pelos arquivos, durante o declínio das civilizações antigas e na Idade Média, exerce alguma influência no caráter dos arquivos que apareceram no início da Idade Moderna.

Em 1789, com a Revolução Francesa, os arquivos adquirem dupla dimensão: de um lado são garantia dos direitos dos cidadãos; por outro conservam e gerem a memória do passado da nação, servindo ao objeto da investigação histórica.

Sendo assim, a Arquivística nasce na seqüência da Revolução Francesa. A arquivística é a ciência que organiza e torna acessível a informação documental produzida por uma organização no desenrolar das suas relações sociais, a ponto de ser possível conhecer toda a informação que um documento possa proporcionar.

O seu objetivo prende-se com a formação, organização e conservação dos documentos, com a economia do tempo na investigação, economia de pessoal e no trabalho, direção dos arquivos. Suas perspectivas devem corresponder com a criação de uma metodologia própria para que o arquivo possa desempenhar e cumprir os seus objetivos, desenvolver procedimentos e instrumentos de trabalho que permitam ao arquivista, conservar, gerir e difundir os documentos de arquivos.

As décadas de 70, 80 e 90 representaram, para a Arquivologia, o aprofundamento de questões essenciais para a formulação de um corpo teórico capaz de comportar uma fundamentação da arquivística. Dentre esta formulação, está a quebra de paradigmas com a era pós-moderna ou pós custodial no qual visa a manutenção da clareza e da relação entre a informação e o processo administrativo que o gerou.

Nos trabalhos em arquivo, as tecnologias foram introduzidas ao longo dos anos, facilitando no desempenho das funções corriqueiras. Tais tecnologias deixaram de serem simples facilitadores na busca da informação, transformando-se, por exemplo, em complexos sistemas de informação que percorrem desde a



produção documental, passando pela tramitação e finalizando na eliminação ou guarda permanente.

Para tanto, este trabalho buscou caracterizar a elaboração de um sistema de informação para a documentação armazenada no arquivo permanente do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba visando o rápido acesso das informações contidas no documento sendo a hipótese desta pesquisa verificar se a documentação de caráter permanente do NAC não é ainda organizada e recuperada eficientemente pela falta de um sistema de informação que garanta o mesmo.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Os computadores conectados a redes permitiram a comunicação e a troca de informações secretas, fundamentais para criação de estratégias de guerra e, conseqüentemente, tornaram-se peças-chave para a construção da história político-econômico-social global.

Nesta época, a evolução tecnológica caminhava a passos largos, tanto no que equivale a trocas de informações, com o auxílio de computadores e outros meios de comunicação, como na utilização informacional para o aperfeiçoamento de equipamentos como, por exemplo, montagem de tanques, aviões, navios, etc.

As tecnologias inseridas neste meio ultrapassaram as fronteiras militares, atualmente sendo implantadas para o campo social, o profissional, o acadêmico etc. Nesta mesma linha, segundo Berners-Lee (1994 *apud* KUROSE; ROSS, 2010, p. 72)

até a década de 1990, a internet era usada primordialmente por pesquisadores, acadêmicos e estudantes universitários para se interligar com hospedeiros remotos, transferir arquivos hospedeiros locais para hospedeiros remotos e vice-versa, enviar e receber notícias e enviar e receber correio eletrônico.

Ainda de acordo com os referenciados autores, a Web tornou-se popular no início de 1990 devido à facilidade de seus usuários receberem “o que querem, quando querem” (BENERNERS- LEE, 1994 *apud* KUROSE; ROSS, 2010, p. 72). A popularidade, por outro lado, tornou-se viável com a redução do maquinário e preço acessível.

Na área acadêmica e profissional, o uso dos computadores e da internet contribuíram na otimização das técnicas. Dessa forma, de acordo com Rondinelli (2007), os profissionais da informação, dentre eles o arquivista, foram “profundamente atingidos”.

Seguindo esta mesma linha, Tessitore (2000, p. 85) relata que

os questionamentos não se detiveram apenas nos modos como computadores, seus programas e periféricos estavam sendo ou deveriam ser incorporados ao dia-a-dia dos Arquivos, mas avançaram na direção das maneiras como documentos gerados em meio eletrônico seriam caracterizados, classificados, avaliados e preservados

No entanto, esta mudança não veio sem antes sofrer conflitos, já que se constatou que a utilização do meio eletrônico no campo da Arquivologia era lento, porém, “rico processo de assimilação e intervenção”. (RONDINELLI, 2007, p. 25)

Outro fator o qual Bell (1979 *apud* RONDINELLI, 2007, p. 29) explicita é que, para os profissionais de arquivo, o meio computacional era extremamente técnico e restrito. Ainda de acordo com o autor, a mesma repulsa era criada pelos profissionais de computação já que não compreendiam que os documentos produzidos tivessem um valor arquivístico.

Após algumas repulsas e conflitos, iniciaram-se as discussões sobre a aplicação computacional para fins arquivísticos, sendo feito no Conselho Internacional de Arquivos, em 1964.

Conforme Pereira (2007, p. 13):

formar cidadãos preparados para o mundo contemporâneo é um grande desafio para quem dimensiona e promove a educação. Em plena Era do Conhecimento, na *qual inclusão digital e Sociedade da Informação* são termos cada vez mais freqüentes, o ensino não podia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano.

É partindo deste ponto que se percebe a interdisciplinaridade de Arquivologia, como as demais áreas do conhecimento, vem aperfeiçoando as técnicas de disseminação informacional na medida em que se faz uso das tecnologias, buscando fornecer o conhecimento para evoluir suas práticas nos arquivos. Um exemplo desta difusão é a aplicação de sistemas de informação como componente de armazenamento informacional.

Com base nisso, a intenção desta pesquisa foi caracterizar a elaboração de um sistema informacional para a documentação de cunho permanente do Núcleo de

Arte Contemporânea do Estado da Paraíba visto que percebemos a necessidade de elaborar um sistema no qual possibilitasse o armazenamento de documentos digitalizados, facilitando a recuperação informacional desejada, a preservação do documento original, ou seja, a preservação do suporte, e a disseminação da memória do NAC. Desta forma, este trabalho parte da seguinte hipótese: A documentação permanente do NAC não é ainda organizada e recuperada pela falta de um sistema de informação eficaz.

A idéia de elaborar este estudo surgiu a partir da participação do projeto “A Gestão da Informação Arquivística Aplicada à Memória Histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)” no qual a UEPB, em parceria, com o Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba fecharam um convênio onde os participantes do projeto pudessem colocar em prática os ensinamentos de organização, higienização e descrição documental do acervo do NAC.

Poucos são os trabalhos envolvendo Arquivologia e Arte, em especial Trabalhos de Conclusão de Curso. Sendo assim, a caracterização de um sistema informacional vem aproximar o diálogo destas áreas unindo teorias e técnicas para a preservação e disseminação de um bem indiscutivelmente importante para o aperfeiçoamento de idéias: a informação. Este trabalho propicia o diferenciar das técnicas arquivísticas, pois os estudos arquivísticos costumam focar nos âmbitos jurídicos, hospitalares e educacionais, sendo esta pesquisa um condutor das técnicas arquivísticas como auxiliadora da propagação artística.

Para o NAC, a criação de um Sistema Informacional para a documentação possibilita a rapidez no que se refere à recuperação da informação necessitada e a preservação dos documentos originais, já que a maioria do acervo encontrado no arquivo do NAC não apresenta cópias. A aplicação deste programa, em parceria com o processo de digitalização documental, auxiliaria na preservação da informação e, mais do que isso, a preservação da memória histórica do NAC.

Já para o Estado da Paraíba, este trabalho visa contribuir no que concerne na difusão da história do NAC como local onde são realizadas atividades artísticas tais como oficinas, exposições, encontros sobre arte contemporânea etc. de pessoas reconhecidas nacional e internacionalmente pelas suas atividades.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

- Propor um sistema informacional para a documentação permanente do Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever o histórico do Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba e sua respectiva documentação;
- Abordar os sistemas de informação, tendo por base a representação da informação arquivística;
- Delinear a recuperação da informação arquivística;
- Apresentar elementos que apontem para elaboração de um sistema de informação para o arquivo do NAC.

## 1.3 ESTRUTURA

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro trata da introdução, da justificativa e dos objetivos do presente estudo.

O segundo capítulo trata da metodologia.

O terceiro capítulo fundamenta teoricamente os sistemas de informação no contexto dos arquivos, além das questões básicas como dados, informação e conhecimento.

No quarto capítulo, é explicitada as questões que envolvem a recuperação da informação.

Para o quinto capítulo, reservamos a discussão para o contexto da representação da informação de acordo com a NOBRADE; partindo de tal normativa, apresentamos a ficha de descrição documental produzida para o NAC e o seu significado para atividades em arquivo.

Já o sexto capítulo revela o histórico do NAC, retratando os motivos que levaram sua criação na Paraíba, a realidade atual do mesmo, bem como o arquivo.

No sétimo capítulo, explicitamos um protótipo de sistema de informação para a documentação de caráter permanente do NAC tendo como base a NOBRADE e os demais elementos anteriormente encontrados.

E, por fim, as considerações finais da pesquisa.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia vai além do caminho que se percorre para construir o conhecimento, proporcionando distanciar o pesquisador do senso comum/empírico e construir um alicerce sólido para a criação de um trabalho a partir da identificação e/ou discussão e/ou solução de um determinado objeto de estudo. Para tanto, este trabalho toma como base a definição dada por Oliveira (2007, p. 47) o qual afirma que metodologia é

- um conjunto de operações que devem ser sistematizadas e trabalhadas com consistência a partir dos seguintes procedimentos:
- clareza na colocação do problema;
- atendimento aos objetivos preestabelecidos;
- consistente revisão de literatura para construção de quadro teórico;
- escolha adequada dos instrumentos e/ou técnicas de pesquisa;
- definição de um cronograma das atividades;
- coleta e análise de dados;
- conclusão com recomendações.

Ou seja, a metodologia conduz os parâmetros pré estabelecidos no trabalho para serem seguidos até o final.

No entanto, como bem frisa Koche (1997), o conhecimento científico, bem como o senso comum, também é falível. O conhecimento científico é um conhecimento artificial, pois comprova acontecimentos a partir de pesquisas controladas.

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A caracterização da pesquisa determina a classificação, a abordagem e o tipo de estudo, estabelecendo, posteriormente, os instrumentos os quais são aplicados com o propósito de coleta de dados.

Assim, a caracterização serve para que o pesquisador não perca o direcionamento, utilizando ferramentas que anteriormente não foram sinalizadas no trabalho.

Nesse sentido, esta pesquisa classifica-se como empírica, pois parte de uma perspectiva estabelecida em campo no intuito de uma posterior implementação de

um sistema informacional para arquivo. A pesquisa empírica reúne determinados dados a partir da convivência de um pesquisador sobre determinado fato. Assim, tal pesquisa estuda e questiona fatos, situações etc. que servem para um experimento futuro.

No que se refere à abordagem, utilizamos a qualitativa que, de acordo com Babetta (2008, p. 30), é “quando os possíveis resultados são atributos ou qualidades”. Já para Richardson (1999, p. 90) a pesquisa qualitativa

Pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Ou seja, aqui não se aplicou instrumentos que quantifiquem as informações. Compreendemos, ao contrário, que o foco é o estudo analítico sobre o fenômeno. Dessa forma, a abordagem qualitativa parte de uma coleta de dados a partir da transcrição dos dados do local estudado como forma de entendimento da natureza.

Com base nisso, o tipo da pesquisa delimita-se em exploratório, documental e descritivo. De acordo com Marques *et al.* (2006, p. 52), a pesquisa exploratória é um “procedimento adotado para se obter maiores informações sobre determinado tema, até mesmo com a finalidade de se chegar a problemas específicos e estabelecer hipóteses, com vistas a estudos posteriores”. Portanto, a pesquisa exploratória proporciona um levantamento de dados aproximando o pesquisador de um fenômeno.

No caso da pesquisa documental, o autor supracitado revela que a análise documental “consiste em exames e análises de documentos como atas, ofícios, memorandos, cartas, contratos, acordãos, projetos, mapas, processos, fotografias, etc.” (MARQUES *et al.*, 2006, p.52). Assim, a pesquisa documental realizada tanto nos documentos do arquivo do NAC quanto no *site* da UFPB para compreender os seus primeiros anos de existência.

Já para a pesquisa descritiva, o referenciado autor conceitua tal pesquisa como “procedimento que visa, como o termo indica, descrever e caracterizar fenômenos e populações, estabelecendo relações entre variáveis intervenientes e fatos”(MARQUES *et al.*, 2006, p.52). Nesta perspectiva, este tipo de pesquisa se enquadra neste trabalho com o intuito de investigação destrinchando a história do NAC na Paraíba como local disseminador da arte contemporânea paraibana.

## 2.2 PROBLEMATIZAÇÃO

As tecnologias participam, cada vez mais, do modo de pensar e agir do ser humano, principalmente no século XX. Tal tecnologia proporciona a troca de informações de forma rápida, independentemente de questões que remetem a tempo e espaço.

Consequentemente, a informação sofreu, e ainda sofre, influências quanto ao tratamento recebido, desde sua criação, passando pela forma a qual é disponibilizada, até o processo de destinação, seja para eliminação, quando o gestor assim achar conveniente, ou doação em meio eletrônico/ digital e/ou em suporte tradicional.

Um destes meios que auxiliam no tratamento informacional é o planejamento, construção e aplicação de Sistemas de Informação (SI). Os SIs visam basicamente a captura, guarda e recuperação de informações em um dado sistema, sempre que solicitado.

Objetivando a praticidade do mundo moderno, estes SIs adquiriram muitos adeptos, principalmente nas organizações que visam alcançar metas previamente estabelecidas e a busca de lucros em escalas de tempo cada vez menores.

Porém, os SIs não estão apenas inseridos na área econômica, jurídica etc. Quando bem planejados, estes também podem ser aplicados para outros fins como, por exemplo, a difusão cultural. Para tanto, os campos delineados no sistema devem ser criteriosamente analisados para proporcionar a eficiência no armazenamento, sendo que o primeiro passo a ser verificado no planejamento é a fundamentação teórica que englobará o SI. É neste momento que surgem algumas reflexões sobre quais campos abarcam neste sistema.

Neste sentido, este trabalho buscou caracterizar a elaboração de um sistema de informação para os documentos permanentes do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) do Estado da Paraíba, proporcionando um novo olhar para a discussão de um sistema que tem a finalidade de propagar a cultura no que se refere à Arte Contemporânea no nosso estado.

Sendo assim, este trabalho parte da seguinte questão: Como elaborar um Sistema Informacional referente ao documento de caráter permanente do Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba?



## 2.3 UNIVERSO E AMOSTRAGEM

O universo escolhido para o estudo é o arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea. Barbeta (2008, p. 41) conceitua universo ou população como um “conjunto de elementos para os quais desejamos que as conclusões da pesquisa sejam válidas, com a restrição de que esses elementos possam ser observados ou mensurados sob as mesmas condições”.

Após isso, o próximo passo é definir a amostragem. Logo, a pesquisa fundamentou-se na amostragem não probabilística, também denominada de não aleatória. Para Barros e Lehfeld (1996 *apud* MARQUES *et al*, 2006, p. 56), as amostras não probabilísticas “são compostas de forma acidental ou intencional. Com o uso desta tipologia, não é possível generalizar os resultados das pesquisas realizadas, em termos da população.”

A intencionalidade é o tipo de amostra não probabilística. Ela propõe, segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 47), que

O pesquisador não se dirige, portanto, à ‘massa’, isto é, a elementos representativos da população em geral, mas àqueles que, segundo seu entender, pela função desempenhada, cargo ocupado, prestígio social, exercem as funções de líderes de opinião na comunidade.

Já para amostra, consideramos a documentação de caráter permanente do Núcleo de Arte Contemporânea, visto sua condição de valor cultural. Ressaltando que serão analisados todas as tipologias documentais de caráter permanente Do ponto de vista teórico, Rudio (1986, p. 60) conceitua amostra da seguinte forma:

Amostra é, portanto, uma parte da população, selecionada de acordo com uma regra ou plano. O mais importante, ao selecioná-la, é seguir determinados procedimentos, que nos garantam ser ela representação adequada da população, donde foi retirada, dando-nos assim confiança de generalizar para o universo o que nela for observado.

Portanto, a amostra provém do universo o qual a análise de tal amostra permite uma visão mais detalhada sobre o universo em que se encontra.

### 2.3.1 CAMPO EMPÍRICO

O campo empírico definido para esta pesquisa é o Núcleo de Arte Contemporânea do Estado da Paraíba (NAC-UFPB). O NAC surgiu da idealização de um grupo de amigos com o intuito de promover a arte difundida no início da década de 1970, a Arte Contemporânea. Nesta, resulta o propósito de desmistificar a idéia o qual se fazia da arte, como aquilo que se via, sem acrescentar nenhum conceito acoplado, além da imagem do que é belo.

A casa o qual serve de abrigo para o Núcleo já foi palco das mais variadas atividades. Em 1961, o casarão foi adquirido pela Universidade Federal da Paraíba como patrimônio desta instituição.

Há certa controvérsia quanto à data de criação do NAC, visto que em 1978, com a portaria 19/78, foi fundado o Núcleo. Outro material que comprova a criação do NAC é a publicação do ALMANAC, o qual consiste em um material elaborado com o intuito de retratar as atividades desenvolvidas nos dois primeiros anos (setembro de 1978 à fevereiro de 1980).

Porém, a resolução do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE- UFPB) nº 15/1979 estabelece normas para criação dos Núcleos de Pesquisa e Extensão. Ainda de acordo a resolução do CONSEPE em seu número 33 do ano de 1980 é criado de fato o Núcleo de Artes Contemporânea (NAC).

Nesse trabalho, admitimos que o Núcleo surgiu no ano de 1978. Assim, neste mesmo ano, suas atividades são iniciadas com o apoio de dezesseis funcionários. Entretanto, atualmente conta com apenas 5 realizando as atividades administrativas. O NAC situa-se na Rua das Trincheiras número 275, centro, João Pessoa tendo seu horário de atendimento é de segunda-feira a sexta-feira das 08h00 ao meio dia e de 13h00 às 17h00.



**FIGURA 1:** Fachada do edifício do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba

**FONTE:** Dados do Projeto de Extensão, 2009

**FOTÓGRAFA:** Angélica Barreto Ferreira

De acordo com Estatuto da própria Universidade Federal da Paraíba e, segundo a Resolução nº 07/2002, art. 4º Compõem a estrutura universitária:

- I - Assembléia Universitária;
- II - órgãos de administração superior;
- III - órgãos de administração setorial;
- IV - órgãos suplementares;
- V - órgãos de apoio administrativo.

Os órgãos suplementares são constituídos por: Prefeitura universitária; biblioteca central; núcleo de tecnologia da informação; editora universitária; hospital universitário; laboratório de tecnologia farmacêutica; Núcleos de Pesquisa e Extensão, criados por resoluções do CONSEPE: NDIHR, NAC, NUDOC, NTU, NIESN, NESC, NUPPA, NEPREMAR, NIPAN, NEUD, NIETI, NUMETROP, NEPHF, NETEB.

No organograma geral da UFPB, o NAC está vinculado diretamente à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PRAC) da Universidade Federal da Paraíba. A PRAC tem o objetivo de coordenar as atividades de extensão, dentre elas os trabalhos realizados nos Núcleos, desenvolvidas pelos alunos e demais colaboradores da UFPB para que o conhecimento adquirido possa retornar a comunidade.

O NAC é composto por biblioteca, arquivo, ateliê utilizado para oficinas. e a galeria propriamente dita. O arquivo exerce sua função desde os primeiros anos de atuação do NAC. No arquivo, os gêneros documentais são dos mais variados como, por exemplo, iconográfico, eletrônico, cartográfico, textuais, sonoros dentre outros.

## 2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Segundo Barbetta (2008, p. 23),

nas pesquisas científicas, também precisamos coletar dados que possam fornecer informações capazes de responder às nossas indagações. Mas para que os resultados da pesquisa sejam confiáveis, tanto a coleta dos dados quanto a sua análise devem ser feitas de forma criteriosa e objetiva.

Sendo assim, os instrumentos que auxiliaram na elaboração deste estudo são o diário de campo, a observação e a entrevista.

Para Marques *et al* (2006, p. 89), o diário de campo é “um instrumento de registro de toda rotina e ocorrência durante a pesquisa de campo.” Tal instrumento tem o objetivo de retratar as descobertas feitas no arquivo, registrar as conversas ocorridas no decorrer da coleta de dados com os colaboradores do Núcleo e as discussões realizadas para aperfeiçoar as técnicas arquivísticas aplicadas ao arquivo etc.

Além disso, outro elemento de instrumento de coleta de dados foi a entrevista focalizada, semi-estruturada ou semidirigida. Triviños (2006, p. 146) revela que a entrevista semi-estruturada

em geral, [é] aquele que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Tal tipo de entrevista caracteriza-se por não ser tão rigorosa, propondo-se a seguir alguns tópicos preestabelecidos, porém podendo o entrevistado expressar livremente suas opiniões e sentimentos. A entrevista utilizada como fruto de entendimento da criação de um Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba, sua respectiva vinculação com a Universidade Federal da Paraíba, o impacto ocorrido na cultura paraibana, a forma de recuperação informacional do NAC, o modo de organização, dentre outros aspectos.

Além do diário de campo e a entrevista, outro mecanismo aplicado na coleta de dados é a observação que, como lembra Lakatos e Marconi (1996), serviu para adquirir informações em seu ambiente natural analisando tanto os fatos quanto os fenômenos. O tipo de observação adotado denomina-se de observação livre o qual Triviños (2006, p. 152) revela que

a observação livre [...] satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, como, por exemplo, a relevância do sujeito, neste caso, da prática manifesta do mesmo e ausência total ou parcial, de estabelecimento de pré-categorias para compreender o fenômeno que se observa.

Salientando que a observação realizada e o registro no diário de campo produzem uma relação direta, visto que a observação conduz um imediatismo de coleta de dados enquanto o diário de campo transcreve os fatos observados além de permitir reflexões sobre determinada situação.

### 3 SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA ARQUIVO: UM OLHAR ARQUIVÍSTICO

O universo atual o qual vivemos prioriza cada vez mais a eficiência e eficácia onde o objetivo é fazer mais em menos tempo. Assim, necessita-se de um sistema de informação que abarque as necessidades informacionais, visando às atividades rotineiras e também as futuras tais como a preservação da informação através de um sistema, contemplando desde a gesta a preservação. Para tanto, antes de qualquer discussão sobre a funcionalidade de um sistema de informação, é preciso contextualizar qual o real valor da informação para uma sociedade que se torna tão dependente deste.

#### 3.1 DADO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

A informação tornou-se um bem valioso para a geração atual e para as futuras. As empresas se organizam, tornam-se competitivos e modificam suas técnicas diminuindo os gastos e aumentando a qualidade dos produtos ou serviços gerados.

No campo acadêmico, a informação e o conhecimento proporcionaram um crescimento exorbitante na produção literária e nas discussões cada vez mais profundas e fundamentadas em teorias.

A informação, em seu conceito, pode ser definida de várias formas, dentre elas, a informação sobre um ato de informar, na qual consiste em apresentar, representar e criar uma idéia. Mas afinal, o que vem a ser dado, informação e conhecimento? Como eles se transformam e o que cada um representa na sociedade contemporânea?

Segundo Turban *et al* (2007, p. 3) afirma que os itens de dados

se referem a uma descrição elementar de coisas, eventos, atividades e transações que são registrados, classificados e armazenados, mas não são organizados para transmitir qualquer significado específico. Os itens de dados podem ser números, letras, figuras, sons ou imagens.

Em sintonia com este pensamento, Laudon e Laudon (2007, p. 9) conceituam dados como “sequências de fatos brutos que representam eventos que ocorrem nas

organizações ou no ambiente físico, antes de terem sido organizados e arranjados de uma forma que as pessoas possam entendê-las e usá-los.”

O conceito no qual acreditamos completo provém do pensamento de Mattos (2010, p. XIX) que classifica dados como

Representações de fatos pelo uso de sinais ou símbolos, ou qualquer outra forma de linguagem. É o produto de uma descoberta, pesquisa, coleta ou criação. É facilmente distinguível por ser monótono, incompleto ou inconsequente. Dados somente são úteis para os produtores de informação, que os usam como blocos na construção da informação.

Neste sentido, os dados nada mais são que elementos soltos e que por si só não constituem, quando não se encontram organizados e em um contexto, nenhum significado relevante podendo ser interpretado de diversas formas pelo receptor.

No que concerne a informação, Laudon e Laudon (2007, p. 9) define apenas como “dados apresentados em uma forma significativa e útil para os seres humanos”.

Já para Turban *et al.* (2007, p. 3) “a informação se refere a dados que foram organizados de modo a terem significado e valor par ao receptor”. Ou seja, a informação é um conjunto de dados que, quando estão contextualizados e ordenados, produzem um significado ao sujeito.

Porém, para Cintra *et al* (2002), a informação não são dados. A informação surge a partir de duas dinâmicas: “quem enuncia” e “quem recebe o enunciado”. Assim, a informação será construída no momento da comunicação, ou seja, a informação será transmitida a partir de um canal, entre duas ou mais pessoas. Enquanto um se comporta como emissor, os demais serão os receptores.

Ainda no que remete a conceituação de informação Mattos (2010, p. 19) determina informação como

Um dado acrescido de significado, contexto, e entendimento dos seus padrões e relações com outros dados, geralmente se utilizando de alguma forma de organização; a informação leva à compreensão. O que é informação para uma pessoa, pode não passar de dados vazios para outra.

Neste sentido, o autor remete a nesta mesma frase a dois pensamentos. O primeiro visualiza informação como dados reunidos em uma organização sistemática permitindo o receptor entender, ou seja, traduzir a mensagem no qual o emissor quis passar. O segundo momento, Mattos esclarece a seleção que um dado sujeito faz

durante a busca por uma informação. Desse modo, uma mesma informação pode ser útil a um determinado sujeito, enquanto para outro, não estabelece nenhum valor intelectual, projetando uma seleção natural pela informação.

De acordo com Robredo (2003, p. 9), a informação traz algumas características. Para tanto, o autor afirma que a informação é passível de ser:

- Registrada (codificada) de diversas formas,
- Duplicada e reproduzida *ad infinitum*,
- Transmitida por diversos meios,
- Conservada e armazenada em suportes diversos,
- Medida e quantificada,
- Adicionada a outras informações,
- Organizada, processada e reorganizada segundo diversos critérios,
- Recuperada quando necessário segundo regras preestabelecidas.

A informação não é neutra. A cada informação nova o sujeito sofrerá uma modificação de estado de conhecimento. Ou seja, a informação sempre provoca uma reação ao receptor, seja ela de concordar com o assunto em questão ou não. Contudo para se ter uma opinião formada, quer de discordância ou não, é preciso ter um “estoque de informação”. Caso não possua este “estoque” a compreensão será vaga ou não ocorrerá.

Um fator que auxilia o “estoque de informações” é a transferência da informação. Tal circunstância ocorre quando o emissor fala e o receptor entende a idéia que o emissor quer passar. Isso, porém, não acontece quando há uma transmissão de informação que o emissor apenas divulga uma informação não possuindo um diálogo entre emissor e receptor. Mas, é preciso entender que a informação que nós geramos tem a nossa cara, a nossa ideologia, a nossa visão de mundo.

Outro ponto relevante é a especificação de determinados assuntos. Ou seja, a informação gerada pode ser vinculada para determinados profissionais. Assim, a especificidade é um processo que necessita de um conhecimento prévio sobre determinado assunto, não sendo útil ou compreendido pelos outros grupos sociais que precisam de uma linguagem mais simples para o entendimento do assunto abordado (a linguagem se adéqüe ao nível do receptor).



A informação gerada deve não apenas responder questionamentos/dúvidas, mas provocar o repensar de práticas e estruturas sociais e, a partir daí, auxiliar nos processos de mudança dos sujeitos sociais e da sociedade.

No que remete ao conhecimento, Turban *et al* (2007, p. 3) revelam que “consiste em dados e/ou informações que foram organizados e processados para transmitir entendimento, experiência, aprendizagem acumulada e prática aplicados a um problema ou atividade empresarial atual.”

Já para Mattos (2010, p. XX), o conhecimento é

uma informação acrescida de valores pessoais e experiências, compostos por crenças, compromissos e suposições. Estes valores e experiências são pessoais e fortemente ligados às vivências de cada um, e por isso o conhecimento é mais pessoal que a informação.

Para tanto, nos parece que Mattos torna o conhecimento algo tão pessoal, que por mais que um sujeito tente transferir seu conhecimento sob um determinado assunto, será improvável, visto que o conhecimento captado pelo emissor será modificado de acordo com as crenças e informações pré estabelecidas sobre o assunto.

Como todos sabem, o conhecimento é um conjunto de informações diretamente ligados a uma especificidade, sendo este, encontrados em livros, jornais, etc., ou seja, sendo materializados.

Logo, o conhecimento é algo maior. Maior, pois para o conhecimento ser admitido como tal será preciso uma ordenação (ordenação dos dados), que conduzirá a uma nova ordenação (informação) e que por sua vez resultará em um determinado fim (conhecimento). Salientando que este fim é susceptível de modificações, visto que para cada nova informação absorvida pelo receptor, o conhecimento também será transformado.

Ressaltando que para se ter um conhecimento é preciso ter:

- Estoque de informação, visando sua recuperação e seu uso quando preciso;
- Transferência de informação, ocorrendo a transferência do emissor para o receptor;
- Agregar valor no nível do receptor. O receptor assimila a informação e consegue transmiti-la.

Para uma melhor compreensão, Cintra *et al* (2002, p. 20) demonstram a diferença entre informação e conhecimento em três pontos. São elas:

- Enquanto o conhecimento é estruturado, coerente e frequentemente universal, a informação é atomizada, fragmentada e particular;
- Enquanto o conhecimento é de duração significativa, a informação é temporária, transitória, talvez mesmo efêmera;
- Enquanto o conhecimento é um estoque, a informação é um fluxo de mensagens.

Porém, salientamos que nem todo conjunto de dados se transforma em informação, no entanto toda informação é um conjunto de dados, assim como nem toda informação gera um conhecimento, mas todo conhecimento é um conjunto de informações.

Então, como perceber a mudança entre dado em informação, informação em conhecimento? No que cerne sobre a transformação da informação para conhecimento, Robredo (2003, p.12) admite que

Sendo este um ato individual, requer a análise e a compreensão da informação, as quais requerem, por sua vez, o conhecimento prévio dos códigos de representação dos dados e dos conceitos transmitidos num processo de comunicação ou gravados num suporte material.

As particularidades da informação, com relação ao conhecimento, são: sua fragmentação, a duração temporária da informação, a informação sendo uma transição do conjunto de dados.

Ainda no que remete a informação, Robredo (2003, p.19-20) explica que

Já o princípio de que a informação é, sim, em todos os campos do saber e em todos domínios de aplicação, informação e simplesmente informação.

O que acontece é que o que muda é a forma como nós a percebemos, ou seja, a aparência com a qual ela nos é apresentada. E essa percepção depende enormemente – para não dizer absolutamente- da forma como foi codificada, para ser processada, duplicada, armazenada, transmitida, convertida em conhecimento- que provoca uma ação ou uma reação, uma ordem, uma decisão, um bloqueio – e que pode ser reconvertida, a partir de um acervo de conhecimentos e mediante algum tipo de codificação, novamente, em informação, para qualquer fim que seja.

Apesar de muitos autores teorizarem a respeito da não transmissão de conhecimento e sim da transmissão de informação, Robredo (2003, p. 22) afirma que

A transferência do conhecimento ocorre quando o conhecimento é difundido de um indivíduo para outro ou para um grupo. Muito conhecimento é transferido, por exemplo, por intercâmbio social e

cultural. O conhecimento é transferido mediante processos de socialização, educação e aprendizado. O conhecimento pode ser transferido propositadamente ou pode acontecer como resultado de outra atividade. Esses processos sociais de transferência de conhecimento são resultado, de uma forma ou de outra, da codificação de conhecimentos individuais, de grupos e de organizações, onde a codificação numa linguagem determinada, com níveis variáveis de utilização de terminologias especializadas, dependerá das características dos públicos a que se destinam.

Neste contexto, o conhecimento é transmitido em um dado suporte para que o mesmo não se perca ao longo dos anos. São exemplos de suporte utilizados na atualidade os telejornais, redes de relacionamento, sites em geral, além dos “imortais” livros e fotografias.

### 3.2 SISTEMA DE INFORMAÇÃO

Atualmente, as discussões e os trabalhos sobre sistemas de informação adquiriram um espaço considerável no mundo empresarial e acadêmico como forma de relatar e aperfeiçoar as atividades desempenhadas em uma empresa.

Mas afinal, o que vem a ser um sistema de informação e qual seu papel em uma empresa?

Turban *et al* (2007, p. 4) informam que “um Sistema de Informação (SI) coleta, processa, armazena, analisa e dissemina informações para um fim específico.” Em sintonia a este pensamento, O’Brien (2004, p. 6) caracteriza um SI como “conjunto organizado de pessoas, hardware, software, redes de comunicações e recursos de dados que coleta, transforma e dissemina informações em uma organização.” Já para Laudon e Laudon (2007, p. 9) definem Sistema de Informação como

Um conjunto de componentes inter-relacionados que coletam (ou recuperam), processam, armazenam e distribuem informações destinadas a apoiar a tomada de decisões, a coordenação e o controle de uma organização. Além de dar apoio à tomada de decisões, à coordenação e ao controle, esses sistemas também auxiliam os gerentes e trabalhadores a analisar problemas, visualizar assuntos complexos e criar novos produtos.

O Sistema de Informação constitui em três elementos básicos: entrada, processamento e saída. A entrada é composta de elementos brutos, sejam eles próprios das empresas ou do meio externo, para que sejam posteriormente

processados. Stair e Reynolds (2002, p. 12) sintetizam a entrada como “atividade de coletar e capturar dados básicos”. Os autores ainda ressaltam que a entrada pode ser feita manualmente ou com a utilização de meios automatizados. Já O’Brien (2004, p. 7) informa que entrada

Envolve a captação e reunião de elementos que ingressam no sistema para serem processados. Por exemplo, matérias-primas, energia, dados e esforço humano devem ser organizados para processamento;

No que remete ao processamento ele equivale na significação dos elementos brutos. Para O’Brien (2004, p. 7) o processamento

Envolve processos de transformação que convertem insumo (entrada) em produto. Entre os exemplos se encontram um processo industrial, o processo da respiração humana ou cálculos matemáticos.

Stair e Reynolds (2002) ressaltam ainda que o processamento pode abarcar desde cálculos até dados armazenado que serão utilizados posteriormente. O mesmo autor ainda esclarece que o processamento também pode ser feito a partir dos computadores ou manualmente.

A saída condiz com as informações anteriormente processadas e que agora estão prontas para serem utilizadas pelos usuários, sejam eles internos ou externos da empresa, para um determinado fim. Segundo O’Brien (2004, p. 7) a saída reflete na

Transferência de elementos produzidos por um processo de transformação até seu destino final. Produtos acabados, serviços humanos e informações gerenciais devem ter transmitidos a seus usuários.

Segundo Stair e Reynolds (2002), o SI é também constituído por um quarto elemento: a realimentação. De acordo com os autores, a realimentação dos sistemas de informação é a saída de informações que modificam a entrada ou o processamento das informações. Ou seja, é uma espécie de feedback.

No que se refere ao sistema de informação informatizado, Laudon e Laudon (2007, p. 9) alertam que

Embora os sistemas de informação informatizados utilizem a tecnologia de computadores para processar dados brutos e transformá-los em informações inteligíveis, existe uma diferença entre um computador e um software, de um lado, e um sistema de informação, de outro. Os computadores eletrônicos e os programas

relacionados são o fundamento técnico, as ferramentas e os materiais dos modernos sistemas de informação. Os computadores são os equipamentos que armazenam e processam a informação. Os programas de computador ou softwares são os conjuntos de instruções operacionais que dirigem e controlam o processamento por computador. Saber como funcionam os computadores e os programas é importante ao projetar soluções para os problemas organizacionais, mas os computadores são apenas parte de um sistema de informação.

Assim, pensar em SI atrelados a computadores é ocultar demais recursos para serem considerados de fato um sistema informacional. São eles: pessoas, hardware, software, dados e redes (O'BRIEN, 2004, p. 10).

Os recursos humanos são todos aqueles que alimentam, utilizam, gerenciam ou mantêm o sistema de informação como subsídio de seu trabalho ou pesquisa. Para O'Brien (2004) os recursos humanos ainda são divididos em usuários finais e especialistas em Sistema de Informação. Para o autor, os usuários finais são os sujeitos em que apenas utilizam o sistema de informação para suas atividades corriqueiras. Já os especialistas de SI, como o próprio nome esclarece, são pessoas nos quais tem o dever de criar, melhorar, e operar tais sistemas.

Os recursos de hardware são todos os equipamentos nos quais possibilitam a entrada, o processamento, a saída e a realimentação do SI. Assim, O'Brien (2004, p. 11-12) esclarece que os recursos de hardware

Não abrange apenas máquinas, como computadores e outros equipamentos, mas também todas as mídias de dados, ou seja, objetos tangíveis nos quais são registrados dados, desde folhas de papel até discos magnéticos. Exemplos de hardware em sistemas de informação computadorizados são:

- Sistemas de computadores, que consistem em unidades de processamento central contendo microcomputadores e uma multiplicidade de dispositivos periféricos interconectados.
- Periféricos de computador, que são dispositivos [...] para entrada de dados e comandos, [...] para saída de informação e [...] armazenamento de recursos de dados.

No caso dos recursos de software constituem nos programas. Ainda segundo O'Brien (2004, p. 12) os recursos de software são "todos os conjuntos de instruções de processamento da informação". Desta forma, tais recursos não são apenas os programas em si, mas também os chamados procedimentos.

Os recursos de dados são nada mais que o grupo dos dados. Para O'Brien (2004, p. 12) os recursos de dados dos SIs podem ser organizados em

Bancos de dados que guardam dados processados e organizados; e bases de conhecimento que guardam conhecimento em uma multiplicidade de formas como fatos, regras e exemplos ilustrativos sobre práticas de negócios bem-sucedidas.

Já no que envolve redes, as mesmas visam “conectar computadores e equipamentos [...] para permitir comunicações eletrônicas” (STAIR; REYTNOLDS, 2002, p. 15). O’Brien (2004) afirma que os recursos de redes nada mais são do que as mídias de comunicação e o suporte de rede. O’Brien (2004, p. 13) ainda exemplifica a mídias de comunicação como, por exemplo, “o fio de par trançado, o cabo coaxial, o cabo de fibra ótica, os sistemas de microondas e os sistemas de satélite de comunicações. No que concerne quanto ao suporte de rede O’Brien (2004, p. 13) constata que

Incluem-se nessa categoria genérica todos os recursos humanos, de hardware, de software e de dados que apóiam diretamente a operação e o uso de uma rede de comunicações. Entre os exemplos estão os processadores de comunicações, como modem e processadores de ligação entre redes, e os softwares de controle de comunicações, como sistemas operacionais de rede e pacotes de browser para internet.

Após essa breve explanação então, qual a função de um sistema de informação em uma empresa? Laudon e Laudon (2007, p. 6) revelam que

A intenção das empresas é atingir seis importantes objetivos organizacionais: excelência operacional; novos produtos, serviços e modelos de negócio, relacionamento mais estreito com clientes e fornecedores; melhor tomada de decisões; vantagem competitiva; e sobrevivência.

Assim, em um mundo cada vez mais competitivo, ganha mais quem consegue atrair os clientes, sejam com o Marketing ou com produtos ou serviços diferenciados, por exemplo, diminuir os gastos em reparos de produtos defeituosos, demonstrar clareza quanto aos pontos alcançados para os fornecedores, ter rápida tomada de decisão para um evento inesperado, dentre outros.

Castels (1999, p. 483) acrescenta ainda que

O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante.

Desta forma, as tecnologias facilitam os trabalhos do dia-a-dia independentemente do que equivale a tempo e espaço, sendo estes pontos

Contudo O'Brien (2004, p. 27) ressalta que

O sucesso de um sistema de informação não deve ser medido somente por sua eficiência em termos de minimização de custos, tempo e do uso de recursos de informação. O sucesso também deve ser medido pela eficácia da tecnologia da informação no apoio às estratégias da organização, viabilizando seus processos de negócios, ampliando suas estruturas e cultura organizacionais e incrementando o valor da empresa para o cliente e para os negócios.

De fato, o Sistema de Informação não pode ser admitido como a salvação da empresa. Antes de tudo deve-se haver uma análise sobre qual sistema preenche, de fato, as necessidades da empresa, contratando pessoas especialistas em SI ou terceirizando-os, visto que é altamente complexo.

### 3.3 SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA ARQUIVO

Os Sistemas de Informação atualmente possibilitam sua respectiva aplicação em diversos setores de uma instituição, inclusive no arquivo.

No arquivo, o SI auxilia na tomada de decisão por parte do gestor, permitindo capturar a informação desejada, seja para a produção de relatórios, aperfeiçoamento de produtos e ou serviços, otimização do trabalho, etc. Sendo assim, de acordo com Le Coadic (2004, p. 2)

O desenvolvimento da produção de informações (gerais, científicas e técnicas) e de sistemas de informação tornou necessárias uma ciência que tivesse por objeto de estudo a informação, ou seja, uma ciência da informação, e uma tecnologia e técnicas resultantes das descobertas feitas por essa ciência.

No âmbito cultural, a aplicação deste mecanismo proporciona resgatar informações que revelam, por exemplo, a história de uma época, a linha artística a qual um determinado artista segue, dentre outras funções.

Para que o sistema de informação em arquivo obtenha eficiência é preciso utilizar de alguns mecanismos que já foram anteriormente explicitados no capítulo de sistema de informação. São eles: hardware, software, pessoas, dados e redes.

O SI em um arquivo, sendo ele público ou privado, tornou-se necessário tendo em vista o rápido acesso e assim a disseminação e o usuário tendo em mãos o que precisa com eficiência e eficácia. Claro que pelo fato de um arquivo necessitar

de um SI, isso não quer dizer que ele será implementado de qualquer forma ou então da melhor forma, que chegue a ultrapassar expectativas.

Se realmente for detectada a necessidade deste, deve-se fazer uma verificação, um planejamento e estabelecer os recursos financeiros disponíveis e assim o fazendo uma adequação, para que se tenha um sistema que atenda as necessidades do arquivo.

Ao utilizar os Sistemas de Informação, podemos perceber benefícios tangíveis e intangíveis. Os benefícios tangíveis são: o lucro, a redução do espaço ocupado, etc. Já os benefícios intangíveis são: redução de tempo.

Um dos exemplos mais significativos no que se refere à criação de um Sistema de Informação para Arquivo é o E-ARQ Brasil elaborado no âmbito da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos do Conselho Nacional de Arquivos e tem como objetivo principal orientar a aplicação da gestão arquivística de documentos sendo o modelo dividido em introdução, parte I (Gestão Arquivística de Documentos) e parte II (especificação de requisitos para SIGAD). Sua primeira versão foi publicada em dezembro de 2006 e são requisitos para a aplicação de Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos (SIGAD) assegurando a autenticidade, confiabilidade bem como o acesso dos documentos arquivísticos sejam eles digitais, convencionais ou híbridos.

O e-ARQ pode ser aplicado em instituições com diferentes finalidades e de diversos tipos documentais, mas para isso é preciso que a instituição avalie como será adotada o e-ARQ Brasil seja de forma parcial ou completa e de modo facultativo (F), altamente desejável (AD) ou obrigatório (O) adequando sempre a realidade da instituição e sempre respeitando as Normas (ISSO 15408, ISSO 15489.1), resoluções (resoluções do Conarq) e orientações referente aos documentos (Conarq, UNESCO).

Os documentos digitais nos trouxeram vantagens significantes (agilidade na disseminação da informação) bem como desvantagens (obsolescência tecnológica, intervenção não autorizada) o qual nas últimas décadas foi alvo de discussões no âmbito acadêmico como na Arquivologia. Assim, surgiu a necessidade de delimitar alguns documentos digitais como arquivístico implementando normas que os tornassem “manipuláveis” como os documentos de suportes tradicionais sem perderem sua autenticidade, fidedignidade e confiabilidade.



A partir do surgimento da gestão de documentos em suporte de papel (delimitando suas políticas, responsabilidades, elaboração de programa para a gestão e implementação do mesmo) percebeu a necessidade de implementar a gestão no campo digital. É óbvio que os documentos digitais merecem um olhar mais específico em seu acesso, formato em que se encontra, preservação, para que não haja perda ou adulteração da informação original. Não se pode deixar de citar as políticas que remetem a estes documentos digitais e, é claro, seu cumprimento para auxiliar no bom desempenho da gestão e delimitação das responsabilidades dos funcionários além do conhecimento no âmbito jurídico e administrativo. No planejamento do programa de gestão o primeiro passo é o conhecimento da estrutura organizacional para perceber como o fluxo documental é feito.

Logo após o planejamento, a implementação do programa se dará com a execução e acompanhamento (relatórios, sumários, gráficos, reuniões, entrevistas) para possíveis correções e revisões do programa. O programa de gestão deve seguir as exigências arquivísticas tais como prestar contas das atividades desempenhadas, contemplar o ciclo de vida documental, preservar os documentos, garantir a organicidade, unicidade, confiabilidade, autenticidade, acessibilidade dos documentos.

Na metodologia do programa, precisa seguir oito passos para a eficácia da sua implementação. Os passos a serem seguidos são: levantamento preliminar da instituição, analisando suas normas, legislação etc.; análise das funções, atividades e documentação produzida, para posteriormente a elaboração de tesauro, vocabulário controlado, código de classificação, tabela de temporalidade; identificação das exigências a serem cumpridas para a produção de documentos, para não ocorrer o acúmulo desnecessário de documentos; avaliação dos sistemas existentes na empresa, verificando qualquer falha nos demais sistemas; identificação das estratégias para satisfazer as exigências a serem cumpridas para a produção de documentos arquivísticos, o qual se deve respeitar o modo como são determinadas as atividades e os tipos de atividades desenvolvidas, a cultura da empresa; projeto do sistema de gestão arquivística de documentos, visando modificações nos sistemas para delimitação das tarefas dos funcionários e facilitar o desempenho das mesmas; implementação do sistema de gestão arquivística de documentos; monitoramento e ajustes, para obtenção de informação sobre a atuação do sistema

de gestão; e, por último, a suspensão ou extinção do SIGAD, que deve, dentre outras atividades, disponibilizar os documentos para a remoção do sistema.

Já entre os procedimentos e operações técnicas do SIGAD tanto dos documentos digitais quanto em suportes convencionais encontra-se a: captura, que é feita pelo SIGAD e atua no registro, indexação, classificação, restrição de acesso e arquivamento tendo como objetivo identificar a documentação arquivística e revelar a relação entre eles; avaliação o qual determina o prazo do documento, a temporalidade respeitando o prazo determinado na avaliação, e a destinação seja para o arquivo permanente ou eliminação; pesquisa, localização e apresentação dos documentos para facilitar o acesso das informações contidas no sistema; segurança, para a preservação informacionais controlando o acesso a partir de registros para a identificação dos usuários, além do SIGAD prover cópias de segurança (backup); armazenamento seja pelas memórias primária, secundária ou terciária; e preservação documental, que possui diversos métodos como a emulação, encapsulamento e a preservação da tecnologia o qual o documento foi produzido.

A segunda parte do e-ARQ (2011) refere-se detalhadamente as especificações dos requisitos para o SIGAD já citados na primeira parte do modelo. O primeiro ponto a ser seguido é a organização dos documentos arquivísticos tendo como base um plano ou código de classificação para o esclarecimento quanto a relação orgânica documental e sua respectiva hierarquia para que, no caso dos documentos digitais, os documentos sejam arquivados em unidades lógicas por meio de metadados (título, código).

O segundo ponto vincula-se quanto a tramitação e o fluxo documental em um SIGAD que pode compreender em: tramitação de um documento antes do seu registro/captura ou a tramitação após seu registro/captura. O sistema auxiliará o fluxo de trabalho de modo a facilitar, dentre outras atividades, a gestão de registro, destinação documental e dossiês/processos, verificação e aprovação dos mesmos, distribuição de documentos ou dossiês /processos bem como sua publicação na web.

O procedimento da captura pelo SIGAD pode ser feito a partir da: captura individual do documento o qual não foi originado neste sistema em aplicativo e formato específico; captura individual do documento criado em sistema integrado ao SIGAD (workflow); captura em lote como, por exemplo, os dossiês. Em um SIGAD, a avaliação e a destinação dos documentos (exportação documental para outro

sistema ou eliminação) é feita com o cumprimento da tabela de temporalidade seguindo o mesmo procedimento em suporte tradicional.

Outros três pontos que chamam a atenção são quanto a usabilidade, a interoperabilidade e o desempenho e escalabilidade do SIGAD tendo as funções respectivas de facilitar o uso no sistema tanto para o usuário interno quanto externo da empresa, interoperar demais SIGADs para auxiliar na busca do usuário bem como o bom desempenho de suas atividades, e, por último, o bom funcionamento do sistema independentemente do volume documental nele contido ou quantidade de usuário a ser atendido ao mesmo tempo pelo sistema.

#### 4 RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO: O ONTEM E O HOJE

A palavra recuperação nos dá, em primeiro momento, uma idéia de resgatar algo o qual necessitamos para um determinado fim. Este resgate deve permitir que o objetivo do sujeito esteja finalizado, caso contrário, a recuperação deu-se de forma ineficiente.

Compreender os mecanismos de recuperação da informação nos primórdios é uma tarefa no mínimo peculiar. As formas de organização não eram padronizadas, indo de acordo com o “bom senso” do que estaria à frente do local informacional, como é o caso dos arquivos.

A recuperação da informação em tempos remotos não era uma atividade fácil. Primeiro, porque a forma como os documentos eram ordenados e os métodos de arquivamento eram muito peculiares e ficavam a critério do funcionário.

Durante muito tempo se teve a necessidade de explicar diversos fenômenos que ocorriam em determinada área, porém nunca se preocupando com sua possível organização e recuperação destas informações inovadoras. Silva *et al* (1998, p. 28) afirmam que “na realidade, ao longo dos tempos, o Homem sempre teve necessidade de organizar os registros da sua actividade e de criar meios eficazes para aceder ao respectivo conteúdo.” Esta necessidade e preocupação de organização informacional parte, muitas vezes, do fato do governo requisitar determinadas informações no qual refletem nas atividades corriqueiras de um Estado. Como, por exemplo, verificar a quantidade de imposto pago por um determinado povoado, ou verificar a colheita anual.

Ainda de acordo com o referenciado destes autores, “desde a antiguidade que temos notícias de trabalhos com vista à organização do conhecimento, sendo a Biblioteca de Alexandria um dos mais conhecidos testemunhos disso” (SILVA *et al*, 1998, p. 28).

Com o tempo, veio a noção de se organizar determinada informação em uma área do saber onde estas noções organizadas sistematicamente deu inicio ao sistema notional que possibilita, dentre outras coisas, a compreensão dos termos.

A partir do momento em que os profissionais da informação foram inseridos nos arquivos e passaram a aplicar as técnicas de arquivamento para facilitar o acesso quando solicitado.

No Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2004, p. 34), entende-se por recuperação da informação “ato ou efeito de identificar ou localizar a informação desejada.” Neste sentido, a recuperação não trabalha sozinha, sendo uma de suas auxiliadoras, a gestão documental.

Pensar hoje em recuperação informacional é pensar também em tecnologias auxiliadoras como o computador e a internet. Arelados a isto, está um profissional cada vez mais as novas tendências tecnológicas.

A recuperação no contexto atual não remete apenas obter a informação. Ela visa adquiri-la de forma fácil, rápido e confiável. Para tanto, Mattos (2010, p. 40) justifica a motivação diante do “tempo do produtor geralmente é curto. O do consumidor mais ainda. Por isso não convém gastar muito tempo com o desenvolvimento histórico e exigir do consumidor muito esforço a mais, por mais interessantes que o contexto possa ser.”

A recuperação da informação parte, obviamente, de uma necessidade de informação. Para tanto, Le Coadic (2004) revela que tal necessidade parte de questões quanto à classe de necessidades primordiais para os seres humanos seja de uma necessidade derivada, ou tipologia das necessidades de informação.

Segundo o referenciado autor, uma necessidade derivada parte quando o usuário, utilizando um sistema de informação, já possui uma busca “mais ou menos bem-especificada” (LE COADIC, 2004, p. 39). No que se refere a tipologia das necessidades de informação, ele subdivide em: a) necessidade de informação em função do conhecimento, o qual tal necessidade parte de uma ânsia de saber; e b) necessidade informacional para desempenhar uma ação.

Portanto, são dois os aspectos da organização documental na arquivologia contemporânea para uma melhor recuperação. O primeiro refere-se aos grandes volumes de documentos acumulados diariamente pelas organizações, que exige uma maior sofisticação dos esquemas de classificação. Já o segundo aspecto, vincula-se ao desenvolvimento teórico da organização dos documentos arquivísticos.

## 5 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) é o parâmetro técnico do arquivistas no que equivale a representação de informação nos arquivos. Ela provém a partir da percepção que a normalização na biblioteconomia que mostrou vantagens com a adoção de procedimentos técnicos comuns, fez com que em 1980, a normalização da descrição arquivística viesse a ganhar amplitude.

Vários países já estavam estabelecendo suas normas, mas foi o Canadá que iniciou a composição das normas nacionais, sendo patrocinado pelo National Council on Archives/ Conseil National des Archives, bem como lançou a proposta do Conselho Internacional de Arquivos (CIA), em 1988 para a criação de normas internacionais de descrição (NOBRADE).

A ISAD (G), criada por vários especialistas, representantes de vários países, foi publicada em 1994 e, em 1996, foi produzida a ISAAR (CPF) que é complementar a ISAD (G). Esta, passou por revisões com a participação do Brasil, e chegou-se à conclusão que esta reflete alto grau de generalidade, necessitando mais de especificações, no qual fez com que cada país fosse incentivado a desenvolver a partir da sua realidade, criando suas próprias normas.

A Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística (CTNDA) foi criada através da Portaria nº 56, de 30/09/2001, do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq), com a finalidade de propor normas brasileiras em conformidade com a ISAD (G) e a ISAAR (CPF).

Surge então a NOBRADE para adaptar estas normas internacionais à realidade brasileira, juntamente com as exigências do Comitê de Normas de Descrição do Conselho Internacional de Arquivos (CDS/CIA). A NOBRADE dispõe regras para a descrição de documentos arquivísticos no Brasil, compatíveis com a Isad (G) e a ISAAR (CPF), que tem em vista facilitar o acesso e a troca de informações, tendo por objetivo a estruturação da informação com elementos comuns.

Apresenta como pressupostos básicos aos fundos e a descrição multinível: descrição do geral para o particular; informação relevante para o nível de descrição; relação entre descrições; não repetição da informação.

Devemos considerar a existência de seis níveis principais: acervo da entidade custodiadora (nível 0), fundo ou coleção (nível 1), seção (nível 2), série (nível 3),

dossiê ou processo (nível 4) e item documental (nível 5). Admitindo-se ainda níveis intermediários como: acervo da subunidade custodiadora (nível 0,5), a subseção (nível 2,5) e a subsérie (nível 3,5). A NOBRADE (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006) apresenta um glossário de termos que contém no decorrer da norma.

A NOBRADE (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006) compreende 28 elementos de descrição, constituindo-se em oito áreas, sendo elas: Área de identificação; Área de contextualização; Área de conteúdo e estrutura; Área de condições de acesso e uso; Área de fontes relacionadas; Área de notas; Área de controle da descrição; Área de pontos de acesso e descrição de assuntos.

Na área de identificação abarcam os subtópicos: Código de referência, tendo por objetivo identificar a unidade de descrição; Título, cujo título a ser preenchido deve ser o título original; data, sendo tais datas da unidade de descrição devem sempre ser registradas; nível de descrição, considerados seis principais níveis de descrição, com isso é preciso identificar o nível da unidade de descrição em relação às demais; dimensões e suporte, cujo as dimensões permitem obter somatórios, propiciando políticas e ações de reprodução, de conservação e de organização de acervos. Com isso deve-se identificar a dimensão física ou lógica e o suporte da unidade de descrição.

Já para área de contextualização, constituem em quatro elementos. São eles: Nomes(s) do(s) produtor (es), no qual corresponde à afirmação do princípio da proveniência. Com isso é preciso ser identificado para saber qual o nome do produtor da unidade de descrição; História administrativa/Biografia, referente a informações referenciais e sistematizadas da trajetória do (s) produtor (es); História Arquivística, contendo informações sistematizadas sobre a história da produção e acumulação da unidade de descrição, como também a sua custódia; e, por último, a procedência, no qual serve para que o registro de informações que contextualizam o ingresso da unidade de descrição na entidade custodiadora (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006).

O terceiro ponto, denominado de área de conteúdo e estrutura é dividido da seguinte forma: Âmbito e conteúdo, sendo relevante para que o usuário identifique se a unidade de descrição contém informações relevantes ou irrelevantes para sua pesquisa; Avaliação, eliminação e temporalidade, proporcionando informações sobre à destinação, prazos de guarda e datas para o cumprimento das ações prevista;

incorporações, cujo objetivo é registrar as entradas previstas de documentos que complementem unidades de descrição; sistema de arranjo, como intuito de informar sobre a ordenação da unidade de descrição.

A área de condições de acesso e uso engloba cinco campos sendo eles: condições de acesso, proporcionando informações sobre se há ou não restrições de acesso à unidade de descrição; condições de reprodução, estabelecendo informações quanto as condições de reprodução da unidade de descrição; idioma, relatando em qual idioma e sistema de escrita utilizado na unidade de descrição; características físicas e requisitos técnicos, no qual visa arrecadar informações sobre os requisitos técnicos e problema decorrentes do estado de conservação que afetem o uso da unidade de descrição; instrumentos de pesquisa, identificando os instrumentos de pesquisa relativos à unidade de descrição.

Para a área de fontes relacionadas, são incorporadas os seguintes pontos: existência e localização dos originais, com o objetivo de fornecer informações sobre a existência e a localização dos originais da unidade de descrição; existência e localização de cópias, apontando a existência e localização de cópias da unidade de descrição; unidade de descrição relacionadas, identificando se há unidades de descrição que sejam relacionadas por proveniência ou outra forma de associação na mesma entidade custodiadora ou em qualquer outra; nota sobre publicação, no qual indica informações sobre as publicações que tenham sido elaboradas com base no uso, estudo ou análise da unidade de descrição.

No que concerne na área de notas, estabelece normas para: notas sobre conservação, indicando informações sobre o estado de conservação da unidade de descrição, visando orientar ações preventivas ou reparadoras; notas gerais, proporcionando informações nos quais não possam ser incluídas em nenhuma das outras áreas ou que se destine a completar informações que já tenham sido fornecidas.

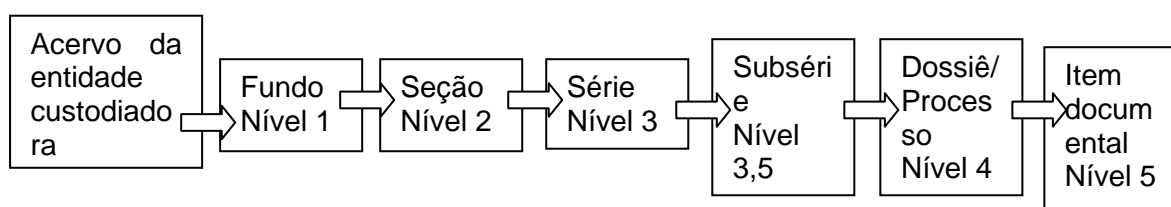
No tópico sete, denominado área de controle da descrição englobam: nota do arquivista, sendo este local preenchido pelo profissional arquivístico no qual tem a responsabilidade de anotar informações relevantes para a descrição bem como as fontes (bibliográficas, arquivísticas e as fontes históricas primárias e secundárias) que deu base para tal procedimento e o nome do arquivista que elaborou a descrição; regras ou convenções, tendo por intuito apresentar regras e/ou



convenções no qual a descrição está baseada; data(s) da(s) descrição(coes), indicando a data em que a descrição foi elaborada e/ou revisada.

O ponto oitavo refere-se a área de pontos de acesso e indexação de assuntos no qual tem a finalidade de facilitar a recuperação do documento a partir da criação e elaboração de índices e a utilização de vocabulário controlado. A indexação de assunto pode ser: nomes de entidades, assunto tópico, áreas geográficas, periódicos e eventos. Quem determinará a forma como o documento é indexado (pré-coordenada ou pós-coordenada) será a entidade custodiadora.

Já no apêndice A da NOBRADE (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 62) demonstra o modelo hierárquico de níveis de descrição. São eles:



No caso do Apêndice B (Relações entre registros de descrição e de autoridade) relaciona o modelo hierárquico da Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD (G)) com o modelo de alguns registros de autoridade da Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias (ISAAR(CPF)). O registro de autoridade serve para contextualizar o documento em seu meio de origem. Assim, será possível a visualização da autoridade que produziu o documento.

As remissivas são pontos de acesso que remetem para outros pontos de acesso, abrindo o leque de possibilidades de busca pelo usuário, são expressões utilizadas para remeter o leitor para outro ponto do texto ou do documento.

Salientando que são sete elementos de descrição obrigatórios. São eles: código de referência; título; data(s); nível de descrição; dimensão e suporte; nome(s) do(s) produtor (es); condições de acesso (descrições em níveis 0 e 1). Lembrando que a NOBRADE se aplica a qualquer documento independentemente do suporte.

Um dos mecanismos referente à representação da informação encontrada no NAC, é a ficha de descrição documental aplicada no período de julho de 2009 à dezembro de 2010 durante o projeto “A Gestão da Informação Arquivística Aplicada à Memória Histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade

Federal da Paraíba (UFPB)”. Tal ficha de descrição foi elaborada pela professora Mestre Manuela Eugênio Maia, com base na NOBRADE.

Segundo Bellotto (2005, p. 179) “o processo de descrição consiste na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilitem a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados.”

A ficha de descrição consiste em 26 campos sendo 4 adquirindo subcampos. Os 26 campos são denominados de: Ficha n.; Preenchimento; Revisão; Data do preenchimento da ficha descritiva e data da revisão; Unidade/Órgão/Setor; Produtor; Cargo/ Função; Destinatário; Cargo/ Função; Data cronológica; Data-tópica; Data-assunto; Data limite; Local de produção (cidade); Espécie documental; Documento n.; Descrição (resumo); Atividade vinculada ao documento; Gênero documental; Suporte; Dimensões; Formato; Original?; Forma; Estado de conservação; Observação; Há documentos anexados a este. Indicar espécie, seguido de data cronológica e descrição.

O número da ficha de descrição é preenchida da seguinte forma: primeiro número representa o fundo (fundo NAC, ou outro fundo), o segundo número estabelece o número da espécie documental e o último número condiz ao número do documento. No tópico preenchimento/data e na revisão/data, respectivamente, refere-se ao responsável pelo preenchimento da ficha de descrição e data do dia da transcrição e o responsável pela revisão da ficha de descrição além da data da revisão, proporcionando, assim, uma maior credibilidade quanto ao relato encontrado na ficha descritiva. Já para a Unidade/Órgão/Setor condiz com a instituição, área e setor no qual produziu o documento a ser descrito. O produtor, estima o último nível hierárquico no qual produziu o documento que , segundo a NOBRADE (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 16) refere-se a “Entidade coletiva, pessoa ou família identificada como geradora de arquivo; também chamada de entidade produtora”. Cargo/ Função tem o objetivo de relatar o papel do produtor na instituição.

A data cronológica estabelece a data no qual foi produzida o documento descrito. A data-tópica, de acordo com o Arquivo Nacional, em seu Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2004, p.15) é identificado como "elemento de identificação do lugar de produção de um documento.” Já para a data-assunto, o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2004, p. 15), define como “elemento de

identificação cronológica do assunto de um documento, independente da sua data de produção.” Ainda segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2004, p.15), a data limite é o “elemento de identificação cronológica, em que são mencionados o início e o término do período de produção de uma unidade de descrição”

O campo denominado “Local de produção” estabelece a cidade e estado no qual foi produzido o documento. A “espécie documental” tem por objetivo preencher a espécie no qual se enquadra no referido documento. Entende-se como Espécie Documental a “divisão de gênero documental que reúne tipos documentais por suas características comuns de estruturação da informação” (ARQUIVO NACIONAL, 2004, p. 20).

O “Documento n.” determina número de identificação do documento. Este número é o mesmo número encontrado no campo “Ficha n.”.

No caso do campo “Descrição”, refere-se ao resumo simplificado do documentos retratando as principais informações esboçadas no documento. A “Atividade vinculada ao documento” é caracterizada da seguinte forma: Administrativa; Financeira. Especificar; Execução de obras e serviços; RH.; Outra. O próximo campo encontrado na ficha de descrição é o “Gênero documental”.

As “Dimensões” são as medidas do suporte. Assim, a NOBRADE (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 27) comenta sobre as dimensões e o suporte como constituinte de

Informação estratégica para planos de pesquisa e gestão do acervo. O registro normalizado das dimensões permite obter somatórios, propiciando políticas e ações de reprodução, de conservação e de organização de acervos. As dimensões tornam-se mais precisas quando associadas a informações relativas ao gênero, espécie ou tipo de documentos.

O ponto “Formato” demonstra como se configura o suporte do documento. São exemplos de formato: caderno; cartaz; folha; livro; mapa; planta.

O campo denominado “Original” equivale na identificação do documento esclarecendo se o mesmo é um documento original ou cópia. Já para o tópico definido de “Forma” são: original; cópia; minuta; rascunho.

No tópico “Estado de conservação” o profissional da informação deve informar como se encontra o suporte documental na perspectiva de legível, rasurado, rasgado, danificado, ilegível etc.

A “Observação” permite relatar alguns elementos anteriormente não expressados como, por exemplo, se o documento apresenta rasgos, se possui rasuras ou assinaturas etc.

No campo da ficha de descrição, há o campo denominado “Documentos anexados”, no qual permitem indicar se há documentos anexados no documento transcrito. Caso afirmativo, identifica-se a espécie documental, seguido de data cronológica e descrição simplificada.

Assim, a ficha de descrição permite a exatidão e a resolução das informações contidas no documento o que para Mattos (2010, p. 29) informa que

A **exatidão** define o grau de similaridade ou conformidade da informação com relação à realidade. [...] A **resolução** define o grau de detalhamento com que a informação é representada.

Mattos (2010) ainda relata que informar o grau de exatidão e resolução das informações contidas em um serviço ou produto informacional é imprescindível para o consumidor e um dever para o produtor. Isto permite auxiliar o usuário naquilo que realmente deseja de forma rápida e precisa e impede confusões por parte do usuário na busca informacional.

## 6 HISTÓRICO DO NAC: SOBREVIVENDO NAS TRINCHEIRAS

Antes de explicitarmos sobre o histórico do NAC, é preciso contextualizar os motivos nos quais levaram a criação deste Núcleo na Paraíba além de apresentar os movimentos artísticos na Paraíba e no mundo.

Poderíamos dizer que a arte anterior a arte contemporânea formava era sinônimo de objetividade e para aqueles que possuíam um certo poder aquisitivo. Objetivo, visto que não significavam além daquilo que demonstravam em pinturas ou esculturas, por exemplo. Normalmente, as pinturas retratavam fatos corriqueiros de um povo, comunidade, como crianças brincando no meio da rua, mulheres conversando, escravos em trabalho árduo dos canaviais etc. de modo agradável para os “olhos de quem vê”.

Mesmo a arte reproduzindo atividades corriqueiras do ser humano, adquirir um objeto deste porte era questão de *status*. Aqueles que possuíam ou financiavam uma pintura demonstrava para os demais membros da sociedade um alto patamar no que remete a conhecimento, e poder financeiro. Assim, para os membros da elite carioca ou membros dos tais café com leite, talvez a pintura não demonstrasse alguma apreciação a arte, mas sim demonstrar aos amigos que podiam pagar e assim o faziam.

Podemos dizer que a semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal de São Paulo foi um divisor de águas. Diversos intelectuais artísticos, incluindo escritores, arquitetos, músicos e artistas plásticos tais como Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos, Plínio Salgado, Sérgio Milliet, dentre representantes artísticos. Ressaltando que a Semana de 22 uma idealização do pintor Di Cavalcanti que, de acordo com Amaral (1998, p.129), expressou sua vontade de produzir uma Semana de envolvimento artísticos da seguinte forma

Falamos naquela noite, e em outros encontros, da Semana de Deauville e outras semanas de elegância européia. Eu sugeri a Paulo Prado a nossa semana, que seria uma semana de escândalos literários e artísticos de meter os estribos na barriga da burguesia paulistana. Nada mais a gosto de Paulo Prado que não suportava o caipirismo que o cercava. Em São Paulo ele convivia sobretudo com gente do comércio e da lavoura e magnatas da alta finança.

Participaram do encontro com o objetivo, de acordo com Amaral (1998, p. 13) a “derrubada de todos os cânones que até então legitimavam entre nós a criação

artística.” Ainda de acordo com Amaral (1998), a semana de Arte Moderna, com o decorrer do tempo, deixou marcas significantes na sociedade, principalmente ao que remete a repulsa ao passado e ao paternalismo da Primeira República.

O casarão que serve de abrigo para o NAC foi construído provavelmente no século XIX. Seu antigo proprietário, o músico e comerciante Eduardo Fernandes, organizava reuniões com artistas e amigos em sua residências.

Em 1902 o casarão serviu de primeira moradia para o Club Symphonico da Parahyba. Aproximadamente em 1909, a partir de dívidas contraídas pelo citado comerciante, o casarão foi vendido ao Estado.

Durante a época em que o casarão esteve pertencente ao Estado, por volta dos anos 1909, serviu de Palacete Presidencial. Tal Palacete servia de moradia para os presidentes dos estados, sendo denominados mais tardes como governadores dos estados. Posteriormente, nos anos 1930 e 1940 destinou-se a Escola Normal e Diretoria de Saúde Pública, respectivamente. Já nos anos de 1951 à 1956, com o Estado da Paraíba sob o comando de José Américo de Almeida, o casarão serviu de sede para a então Faculdade de Odontologia.

Por volta dos anos de 1961, José Américo doou a casa para a então recente Universidade Federal da Paraíba que, na época, era denominada de Universidade da Paraíba. Assim, a Universidade tombou a casa como patrimônio.

Em 1978, o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) surge com o intuito de permitir atividades acadêmicas envolvidas com a Arte, em especial a Arte Contemporânea. Tal núcleo contou com o apoio dos professores Raul Córdula, Chico Pereira, Antônio Dias, dentre outros, no qual apresentaram a idealização de um Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba. O projeto do Núcleo foi apresentado em um seminário ocorrido no museu Assis Chateaubriand em Campina Grande.

Em entrevista realizada com a atual vice-coordenadora do NAC, Marta Penner, em 1978 criou-se o Projeto do NAC na Paraíba visto que o mesmo nesta época não apresentava Resolução da CONSEPE, estando apenas firmada a sua existência com a Portaria n. 19/78. Contudo, as atividades neste Núcleo foram crescentes e fervorosas. Com ações consolidadas em seu cotidiano, o NAC foi efetivado por meio da Resolução da CONSEPE no ano de 1980.

De acordo com relatos dos entrevistados, durante a década de 1980, o NAC da Paraíba obteve seu auge tendo como principal conveniado a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE).

O NAC sobrevive na Rua das Trincheiras, número 275, no bairro do Centro de João Pessoa. Na década de 90, foi considerado como um dos melhores bairros para se morar na capital paraibana, disputando a hegemonia do bairro do Tambiá.

Desde sua criação, foram 8 (oito) coordenadores que o gerenciaram, eis Raul Córdula e Chico Pereira (1978-1982); Chico Pereira e Raul Córdula (1982-1988); Luiz Afonso Bernal e José Valdir dos Santos (1988-1994); Severino (final de 1994); Alarino (permanecendo apenas três meses no ano de 1995) e Gabriel Bechara; Gabriel Bechara e Solange Bandeira (1995-1996); Solange Bandeira (1997-1998); Professora Livia e Maria José (1999-2000); Maria José (2000-2006), Marta Penner e de Marco Aurélio (2007-2009); Marco Aurélio e Marta Penner (2010 até os dias atuais).

Atualmente, o NAC encontra-se sob a coordenação do artista plástico, professor, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestre em artes visuais e pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e gestor cultural em João Pessoa, Marco Aurélio Alcântara Damasceno. A vice-coordenação está sob a responsabilidade de Marta Penner formada em artes plásticas e mestre em arte e tecnologia de imagem pela Universidade de Brasília (UnB).

## 6.1 NAC E SEU ARQUIVO

O primeiro passo do arquivista no exercício das suas funções é a aplicação do diagnóstico, que visa perceber alguns pontos tais como os principais suportes que predominam no arquivo, formas de arquivamento, acondicionamento documental, questões de recuperação informacional e segurança do recinto, dentre outras informações adquiridas.

Diante do diagnóstico realizado durante o período do projeto “A Gestão da Informação Arquivística Aplicada à Memória Histórica do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)” percebemos que o acervo do NAC apresenta cerca de doze (12) metros lineares de documentos.



**FIGURA 2:** Diagnóstico realizado no arquivo do NAC durante o Projeto de Extensão.

**FONTE:** Dados do Projeto de Extensão, 2009

**FOTÓGRAFA:** Angélica Barreto Ferreira

Dentre os componentes do acervo, encontramos diversos gêneros textuais tais como: bibliográfico, iconográfico, eletrônico e cartográfico; dos suportes visualizados, encontra-se do orgânico, ao inorgânico, passando pelo eletrônico. Já no que concerne em espécie documental, dispõe de: recibo, declaração, livros, resolução, projeto, revistas, estatuto, regulamento, fotocópia, fichas de inscrição de concurso, documentos de fax, catálogos, contratos, convites, portarias, telegramas, ofício, relatório, resolução e regimento. Estes documentos referem-se desde solicitação de material de limpeza até convites condizentes a exposições realizadas no Núcleo. O arquivo ainda armazena livros referentes à arte (741), peças de exposição de um modo geral, cartazes (6), CDs, quadros de exposições (21), slides diapositivos (200). Os slides estão vinculados, em sua maioria, as décadas de 70 e 80 retratando a história do NAC neste período.

Além disto, vale salientar que parte da documentação não apresenta condições adequadas para o acervo visto que se encontram em caixas de papelão, amarrados com barbantes, grampos enferrujados, cliques enferrujados, trilhos enferrujados, além da documentação estar amarelada, mofada, demonstrando, assim, um certo desconhecimento quanto ao suporte e ao risco que tais documentos sofrem podendo obter perda total da informação.





**FIGURA 3:** Documentos em caixas de papelão e amarrados encontrados no arquivo do NAC

**FONTE:** Dados do Projeto de Extensão, 2009

**FOTÓGRAFA:** Angélica Barreto Ferreira

O arquivo não conta com um local específico. Para tanto, os documentos encontram-se em três ambientes da instituição. No entanto, o arquivo conta com uma organização prévia feita pelos próprios funcionários do presente Núcleo: as pastas e caixas arquivos são denominadas a partir da espécie (catálogos, jornais, relatórios, dentre outros) ou por ano (1989, 2002).

No que concerne ao acondicionamento do acervo, o arquivo não conta com aparelhos específicos para o controle de temperatura, sendo a temperatura aconselhável em torno de 18°C a 22°C. Mas, ao adentrarmos no ambiente, pelo calor é excessivo no arquivo do NAC; daí, percebemos que a temperatura está bem acima das orientações estabelecidas pelo Arquivo Nacional.

Não há, também, o controle quanto a Umidade Relativa do ar, sendo o mais adequado em torno de 45% a 50%.

O controle quanto à incidência de luz, seja ela natural ou artificial, também deve ser pensada. No caso do arquivo, não há um controle específico, visto que a iluminação encontrada tanto provém tanto da luz natural quanto artificial.

Os documentos estão atualmente, em sua maioria, armazenados em caixas poliondas. Porém no arquivo ainda há o armazenamento documental em pastas suspensas de papelão, bem como caixas de papelão. Salientando que, a documentação encontrada em caixa de polionda foi descrita e/ou higienizada durante o projeto de extensão. O NAC conta, ainda, com mobiliário de madeira e estantes em aço enferrujados.



**FIGURA 4:** Organização do arquivo do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba

**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011

**FOTÓGRAFA:** Célia Medeiros Dantas

A documentação do NAC não segue normas, regulamentos, manuais ou instruções quanto aos procedimentos para as atividades de destinação documental. Além disso, não há avaliação dos documentos para possível eliminação. Sendo assim, não segue e a Tabela de Temporalidade Documental (TTD), apesar da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) elaborar e disponibilizar um exemplar para o Núcleo. No entanto, fazemos o alerta para que a tabela por se só não seja aplicada de forma errônea. Para qualquer destinação, seja para eliminação ou doação, a que se faça nos documentos de uma instituição deve-se passar por um comitê avaliador.

No que remete-se a segurança pode-se dividir em: prevenção contra roubos, o qual não apresenta alarme; prevenção contra incêndio já que o núcleo não dispõe de extintores ou mangueiras, tornando o local propício a acidentes com fogo.

O Núcleo conta com o procedimento de digitalização documental, o qual visa a reprodução informacional. Tal digitalização é feita por uma estudante de mestrado em Ciência da Informação pela UFPB. Contudo, a digitalização não é feita no recinto visto que a instituição não obtem de um scanner.

As consultas são feitas diariamente pelos funcionários e estudantes no próprio NAC. As prestações de atendimento aos usuários são obtidas presencialmente, via telefone, e-mail e por correspondência sendo os atendimentos mais comuns o presencial, telefone e via e-mail.

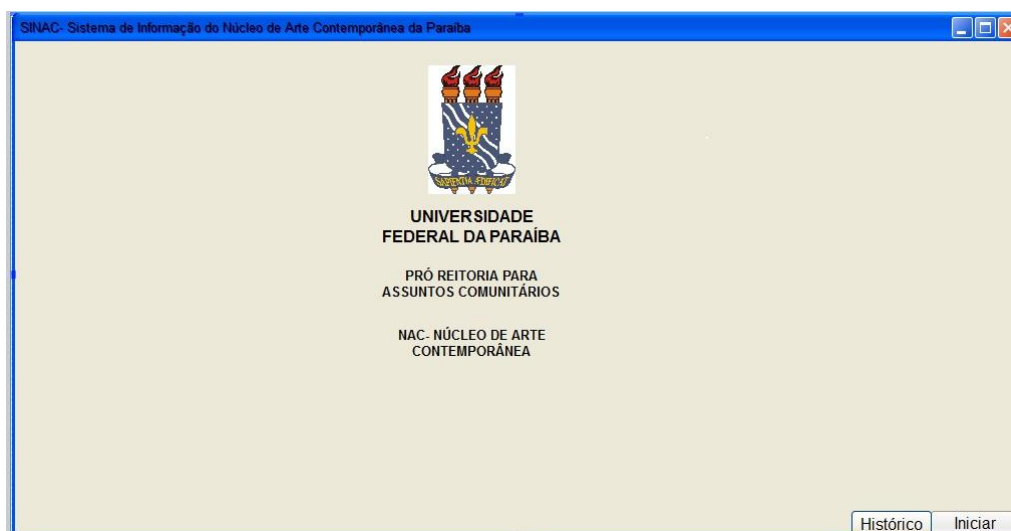
Lembrando que o ideal é que o local esteja em controle de temperatura e de umidade, além do uso de clips plastificados, caixas poliondas, trilhos de plástico, bem como a manutenção da higiene do recinto.

## 7 A PROPOSTA

Com base a tudo o que foi explicitado anteriormente, seguiremos com a proposta. Para tanto, o sistema de informação abaixo buscou facilitar a recuperação de um usuário com linguagem clara e objetiva, eliminando toda e qualquer possível poluição visual.

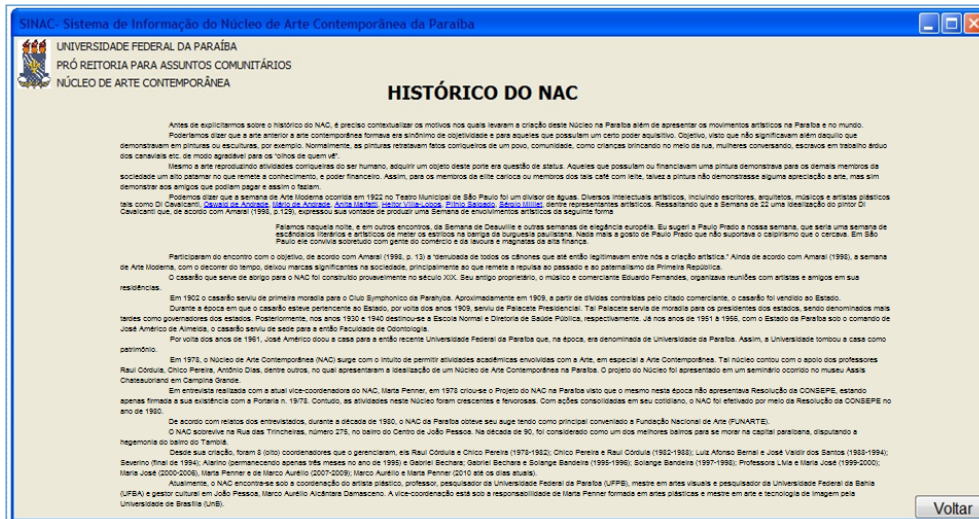
O sistema, denominado de Sistema de Informação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba (SINAC), contém os campos obrigatórios estabelecidos pela NOBRADE (2006). Relembrando eles: Código de referência, título, data(s), nível de descrição, dimensão e suporte, nome(s) do(s) produtor(es) e condições de acesso (descrições em níveis 0 e 1). Além disso, foi levado em conta a clareza dos termos por diminuir as dúvidas por parte dos usuários.

Ao iniciar o sistema, constam informações sucintas como a vinculação do NAC à PRAC que, por sua vez, pertence a Universidade Federal da Paraíba. Nesta primeira página, o usuário pode visualizar um breve histórico no NAC ou iniciar a pesquisa documental.



**FIGURA 5:** Introdução do SINAC  
**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011.

A opção “Histórico” trata de uma breve contextualização do Núcleo, percorrendo sobre a sua criação na Paraíba, coordenadores passados bem como a atual gestão com seus respectivos períodos etc.



**FIGURA 6:** Breve Histórico do NAC.  
**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011.

Na opção “Iniciar”, o usuário preenche alguns campos. São eles: País, no qual identifica o país em que o documento foi criado; O produtor, sendo a instituição produtora; o nível de descrição, podendo ser o nível 0 ou 1; a espécie documental, sendo ofício, resolução, memorando, convite, catálogo, etc.; ano, definindo o ano no qual se deseja pesquisar desde 1978 até o decorrente ano; o título determina o título do documento no qual se deseja pesquisar; A dimensão estabelece o tamanho do suporte no qual está contida a informação desejada; o suporte, visa identificar se ele é em suporte textual, dentre outros; as condições de acesso, ou seja, apenas físico e/ou lógico; e o mês da produção do documento de janeiro a dezembro. Ressaltando que, para cada campo, há a opção nos casos em que o usuário não saiba identificar alguns campos.

The screenshot shows a web application window titled "SINAC- Sistema de Informação do Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba". The header includes the logo of the Universidade Federal da Paraíba and the text "PRÓ REITORIA PARA ASSUNTOS COMUNITÁRIOS" and "NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA". The main area contains several search filters, each with a dropdown menu: País, título, Produtor, Dimensão, Nível de Descrição, Suporte, Espécie Documental, Condições de Acesso, Ano, and Mês. At the bottom right, there are three buttons: "Voltar", "Cancelar", and "Buscar".

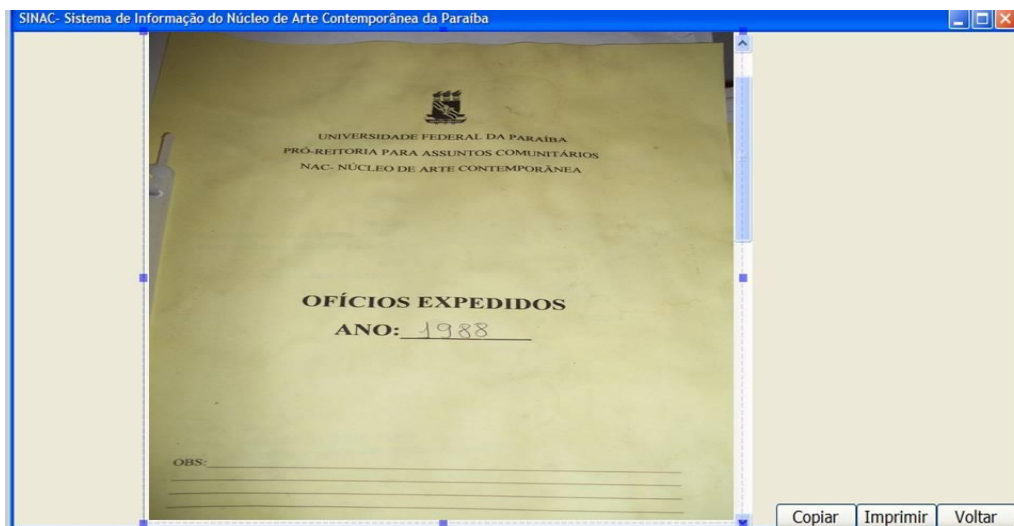
**FIGURA 7:** Campos de busca.  
**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011.

Após o preenchimento dos campos, aparece uma relação de documentos contidos no sistema. Nesta lista, há o título do documento. Após a identificação do documento desejado, o usuário clica no símbolo “+” que por sua vez trará um resumo e o número da ficha de descrição do documento original. O resumo encontrado no sistema SINAC é configurado como resumo ampliado por se tratar de um resumo mais detalhado sobre o documento descrito. Desta forma, tal resumo visa facilitar a compreensão do usuário sobre o assunto encontrado no documento original.

The screenshot shows the search results interface. On the left, there is a vertical list of six items, each with a "+" sign in a small box to its left. The first item is expanded, showing a text box with the text "Resumo: Trata-se da resolução no qual ...." and a "Ficha nº" label to its right. Below the text box is a button labeled "Abrir Documento". At the bottom right of the window, there is a "Voltar" button.

**FIGURA 8:** Relação de documentos pesquisados.  
**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011.

Clicando na opção “abrir documento”, o usuário está visualizando o documento digitalizado, podendo ser impresso ou copiado em um *pen drive*, por exemplo.



**FIGURA 9:** Documento Digitalizado.

**FONTE:** Dados da pesquisa, 2011.

Desta forma, garante-se o direito ao acesso do documento, por parte do usuário, permitindo também a salvaguarda do documento. Além disso, este Sistema se torna mais completo por se tratar de uma atividade arquivística, com linguagem mais clara possível para que não haja dúvidas na busca. Conseqüentemente, a linguagem auxilia na disseminação e associação de uma cultura produzindo uma satisfação na busca.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais os profissionais de arquivo enfrentam novos desafios no cenário tecnológico para propor soluções de ordem metodológica e de gerenciamento da informação. Por isto, os profissionais de arquivos não devem se submeter a técnicas antigas em suportes tradicionais sem se preocupar com o avanço e a aquisição cada vez mais rápida de novos softwares e hardwares.

Nesta perspectiva, os profissionais de arquivos, e aqui dialogando com os especialistas em Sistemas de Informação, precisam atentar auxiliar estes. Na verdade, seria preferível que ambos dessem contribuições quanto à elaboração de campos para o Sistema de Informação de uma instituição.

Pensar na aplicação de um sistema informacional satisfaz dois segmentos: a preservação documental contra o manuseio desordenado e imprudente, podendo ocasionar danos irreversíveis; e o fácil acesso quanto ao tempo e esforço físico.

É de se esperar que as instituições, independente de seu caráter ou função perante a sociedade, dê os primeiros passos quanto ao tratamento da documentação que possuem e que permaneçam tais procedimentos para uma melhor preservação de sua memória e aplicação cada vez mais acentuada das tecnologias em destaque.

No caso do NAC, desde os seus primeiros anos de vida, o mesmo produz, tramita, recebe e armazena documentação em seu arquivo. Sua organização ficou basicamente a critério daqueles que estavam sob a coordenação do Núcleo, aplicando técnicas que, para o olhar arquivísticos não se enquadram nos mais adequados.

A Universidade Federal da Paraíba dispõe de uma Tabela de Temporalidade Documental (TTD). Então, o que falta para sua aplicação no Núcleo? Parece que tal arquivo se qualifica como um mero depósito informacional. Com a conscientização dos gestores e dos demais colaboradores, a realidade tenderá a mudar.

Diante de tudo que foi exposto, fica evidente que o NAC surge de um acanhado projeto e que ao longo dos anos ganha seu merecido reconhecimento. Parece que este reconhecimento remete aos trabalhos realizados pelos coordenadores dentro da própria UFPB e com a comunidade.

Todavia, a grande maioria da comunidade paraibana em geral não conhece as atividades desempenhadas pelo Núcleo. O NAC também sofreu um abalo quando

a FUNARTE, sua maior patrocinadora, convênio por volta de 1980. Apesar disso, segundo o relato de Penner (2011), a UFPB dispõe de recursos para serem utilizadas com a finalidade acadêmica.

O NAC tem esta função, ou seja, de permear a difusão acadêmica, e está na Resolução da CONSEPE. Então, porque não utilizar este fundo? A questão aqui parece muito mais política e divergências dentro da própria Universidade do que impossibilidade de utilizar tal verba. Neste fato, pensamos que não existe um certo ou errado e sim um problema.

Fica claro também, que um investimento de pequeno ou médio porte seriam de grande valia. Pequenos reparos no casarão em si já foram solicitados, segundo Penner (2011), diversas vezes e ainda não foi solucionado. Falta mobiliário, computadores e outros materiais corriqueiros de qualquer instituição. Afinal, estamos falando de um Núcleo de Arte Contemporânea e que para tanto deve-se ter investimentos para garantir o mesmo.

Como já foi dito anteriormente, o Núcleo não dispõe de sistemas específicos para gerenciar seus documentos cotidianamente produzidos e armazenados. Como profissional da informação, pensar em mecanismos que permita a tomada de decisão rápida e precisa é imprescindível para os dias atuais.

Assim, fica evidente que para a eficiência de qualquer sistema, e aqui criamos o protótipo do SINAC, é necessário a aplicação de uma gestão documental e outros mecanismos que o permeiam.

O SINAC é uma proposta e como tal deve ser avaliada para melhor atender as exigências dos usuários do NAC e da comunidade que a visita. Não se trata de uma salvação, isto é fato, mas de um novo e cuidadoso olhar sob a informação produzida e recebida por este Núcleo que sempre esteve atuante na arte paraibana e nacional.



## REFERÊNCIAS

**ALMANAC** - resumo das atividades do NAC, setembro de 1978 a fevereiro de 1980. João Pessoa: FUNARTE: UFPB, 1980.

AMARAL, Aracy A. **Artes Plásticas na Semana de 22.5 edição**, São Paulo: 34, 1998. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LHuZVkJUgsP8C&oi=fnd&pg=PA9&dq=primeira+escola+de+belas+artes&ots=o0zsb\\_ApdO&sig=EOuIC6a1TrPywWq2gCtxTDZBY3c#v=onepage&q=primeira%20escola%20de%20belas%20artes&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LHuZVkJUgsP8C&oi=fnd&pg=PA9&dq=primeira+escola+de+belas+artes&ots=o0zsb_ApdO&sig=EOuIC6a1TrPywWq2gCtxTDZBY3c#v=onepage&q=primeira%20escola%20de%20belas%20artes&f=false)>. Acesso em: 17 set. 2011.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BIO, Sérgio Rodrigues. **Sistemas de informação: um enfoque gerencial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BORDIDI, Maria da Glória. Acervos literários e universo digital. Conexões abertas. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **e-ARQ Brasil: Modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Arquivos, 2011.

\_\_\_\_\_. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Arquivos, 2006.

COSTA, Célia Maria Leite. As novas tecnologias e os arquivos pessoais: a experiência do CPDOC. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

DOLLAR, C. M. O impacto das tecnologias de informação sobre princípios e práticas de arquivos: algumas considerações. **Acervo**, v. 7, n.1-2, p.3-38, jan./dez. 1994.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

KUROSE, James F.; ROSS, Keith W. **Redes de computadores e a internet: uma abordagem top-down**. Tradução Opportunity translations. Revisão técnica Wagner Zucchi. 5. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. **Sistemas de informação gerenciais**. Tradução Thelma Guimarães; revisão técnica Belmiro N. João. 7. ed. São Paulo: Person Pretice Hall, 2007.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. ver. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARQUES, Heitor Romero et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, 2006.

MATTES, Raquel Naschenveng. Informática Documentária. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, literatura e tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

MATTOS, Alessandro Nicoli de. **Informação é prata, compreensão é ouro - um guia para todos sobre como produzir e consumir informação na Era da Compreensão**. [S.l.: s. n.], 2010.

**Núcleo de Arte Contemporânea - NAC/UFPB**. Disponível em: <<http://www.artesvisuaisparaiba.com.br/esp.php?id=25>>. Acesso em: 9 set. 2011.

O'BRIEN, James A. **Sistemas de informação e as decisões gerenciais na era da internet**. Tradução Célia Knipel Moreira e Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo teoria e prática**. 7 reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PENNER, Marta. **NAC e sua história: depoimento** [jul. 2011]. Entrevistador: Célia Medeiros Dantas. João Pessoa: UEPB, 2011. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida a monografia "DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: SISTEMA DE

## INFORMAÇÃO PARA O ARQUIVO DO NÚCLÉO DE ARTE CONTEMPORÂNEA-NAC”

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Armando Malheiro da *et al.* **Arquivística – teoria e prática de uma Ciência da Informação**. Porto: Afrontamento, 1998.

STAIR, Ralph M.; REYNOLD, George W. Sistemas de Informação nas Organizações. In: \_\_\_\_\_. **Princípios de sistemas de informação: uma nova abordagem gerencial**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p.30-58.

TESSITORE, Viviane. A Informática como ferramenta do arquivista: construção e difusão de instrumentos de pesquisa em meio eletrônico. In: ANTUNES, Benedito (Org.). **Memória, Literatura e Tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

TURBAN, Efraim; RAINER JÚNIOR, R. Kelly; POTTER, Richard E. **Introdução a Sistemas de Informação: uma abordagem gerencial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. CONSEPE. **Resolução n. 07**, de 2002, João Pessoa: UFPB, 2002.

\_\_\_\_\_. CONSEPE. **Resolução n. 15**, de 1979, João Pessoa: UFPB, 1979.

\_\_\_\_\_. CONSEPE. **Resolução n. 33**, de 08 jul. 1980. João Pessoa: UFPB, 1980.

\_\_\_\_\_. PRAC. **Portaria n. 19**, de 1978, João Pessoa: UFPB, 1978.

VALENTE, João. **NAC e sua história**: depoimento [jan. 2010]. Entrevistador: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira. João Pessoa: UEPB, 2010. 2 DVD sonoros. Entrevista cedida ao projeto "A gestão da informação arquivística aplicada à memória histórica no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)".

**ANEXOS**

## ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO JOÃO VALENTE

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO de uso de imagem e voz (individual), sem fins comerciais

(Leia atentamente antes de assinar)

Nome: JOÃO ARRUDA VALENTE  
 Nacionalidade: BRASILEIRA Data de nascimento: 22 / 06 / 1955  
 Portador do RG nº: 366.216 Órgão Emissor: SSP/PB Data: \_\_\_\_\_  
 CPF nº: 144.246.734-72 Fone (83) 87299890  
 Endereço de residência: RUA ARAGÃO E MELO, 526 - TORRE

Cidade: JOÃO PESSOA Estado: PARAÍBA CEP: 58090-100

Por este documento informo que autorizo a(o):

- 1 Manuela Eugênio Maia, CPF nº 027.302.284-97, RG nº 5.102.793 SSP-PE,
- 2 Angélica Barreto Ferreira, CPF nº 070. 715. 614-94, RG nº 3.270.573 SSP-PB,
- 3 Célia Medeiros Dantas, CPF nº 065.254.654-43, RG nº 3.065.086 SSP-PB

por minha livre e espontânea vontade nesta data, na qualidade de servidora do Núcleo de Arte Contemporânea [NAC] da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], a utilizar minha imagem e voz **APENAS PARA FINS ACADÊMICOS E PARA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO referido NÚCLEO da UFPB.**

Podendo, de posse da minha imagem: imprimir, reproduzir em *folders*, *slides* e qualquer tipo de materiais impressos, ou por qualquer outro processo análogo; podendo, ainda, de posse da minha voz utilizar em exibição em veículos de comunicação, bem como para produção de material promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, e / ou disseminá-la através da Internet.

A autorização prevista acima não tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e /ou no exterior, sem que me seja devida, a qualquer tempo e sob qualquer título, sem ônus ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de minha imagem e / ou voz.

A presente autorização é firmada em caráter irrevogável e irretroatável obrigando a mim, meus herdeiros e sucessores a aceitar essas condições de uso de minha imagem e voz.

APÓS TER LIDO ESTE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E TENDO COMPREENDIDO SEUS TERMOS, ENTENDO QUE ESTOU DESISTINDO DE DIREITOS SUBSTANCIAIS ATRAVÉS DA ASSINATURA DO MESMO, A QUAL FAÇO LIVRE E VOLUNTARIAMENTE, SEM QUALQUER COERÇÃO, NA PRESENÇA DE DUAS TESTEMUNHAS INSTRUMENTÁRIAS.

João Pessoa, 22 de Julho de 2011.

Assinatura da concedente: \_\_\_\_\_

RG nº 366.216 OE SSP/PB

#### Testemunha 1

Nome: Angélica Barreto Ferreira

RG nº: 3.270.573 SSP/PB

Assinatura: Angélica Barreto Ferreira

#### Testemunha 2

Nome: Célia Medeiros Dantas

RG nº: 3065086 SSP/PB

Assinatura: Célia M. Dantas

## ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO MARTA PENNER

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO de uso de imagem e voz (individual), sem fins comerciais

(Leia atentamente antes de assinar)

Nome: Marta Penner da Cunha  
 Nacionalidade: BRASILEIRA Data de nascimento: 30/11/1965  
 Portador do RG nº: 071780571 Órgão Emissor: DFP-RJ Data: \_\_\_\_\_  
 CPF nº: 57820589191 Fone: (83) 35463988  
 Endereço de residência: Rua João Domingos 474/103  
 Cidade: João Pessoa-PB Estado: Paraíba CEP: \_\_\_\_\_

Por este documento informo que autorizo a(o):

- 1 Manuela Eugênio Maia, CPF nº 027.302.284-97, RG nº 5.102.793 SSP-PE,
- 2 Angélica Barreto Ferreira, CPF nº 070. 715. 614-94, RG nº 3.270.573 SSP-PB,
- 3 Célia Medeiros Dantas, CPF nº 065.254.654-43, RG nº 3.065.086 SSP-PB

por minha livre e espontânea vontade nesta data, na qualidade de servidora do Núcleo de Arte Contemporânea [NAC] da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], a utilizar minha imagem e voz **APENAS PARA FINS ACADÊMICOS E PARA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO referido NÚCLEO da UFPB.**

Podendo, de posse da minha imagem: imprimir, reproduzir em *folders, slides* e qualquer tipo de materiais impressos, ou por qualquer outro processo análogo; podendo, ainda, de posse da minha voz utilizar em exibição em veículos de comunicação, bem como para produção de material promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, e / ou disseminá-la através da Internet.

A autorização prevista acima não tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e /ou no exterior, sem que me seja devida, a qualquer tempo e sob qualquer título, sem ônus ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de minha imagem e / ou voz.

A presente autorização é firmada em caráter irrevogável e irretroatável obrigando a mim, meus herdeiros e sucessores a aceitar essas condições de uso de minha imagem e voz.

APÓS TER LIDO ESTE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E TENDO COMPREENDIDO SEUS TERMOS, ENTENDO QUE ESTOU DESISTINDO DE DIREITOS SUBSTANCIAIS ATRAVÉS DA ASSINATURA DO MESMO, A QUAL FAÇO LIVRE E VOLUNTARIAMENTE, SEM QUALQUER COERÇÃO, NA PRESENÇA DE DUAS TESTEMUNHAS INSTRUMENTÁRIAS.

João Pessoa, 22 de Julho de 2011.

Assinatura da concedente:

RG nº 071780571 OE DFP-RJ

#### Testemunha 1

Nome: Angélica Barreto Ferreira  
 RG nº: 3.270.573 SSP/PB  
 Assinatura: Angélica Barreto Ferreira

#### Testemunha 2

Nome: Célia Medeiros Dantas  
 RG nº: 3065086 SSP/PB  
 Assinatura: Célia M Dantas